Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 16

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME III

Redondilhas (Anacreonticas), Cançonetas, Glosas, Fabulas, Epigrammas

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875

ODES ANACREONTICAS

1

Veloz Borboleta,
Que leda girando
Penosas idéas
Me estás avivando:

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentis, penetrantes;

Tu andas brincando
De flor para flor;
Anarda vaguêa
D'amor em amor.

2

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te,
Que mal te descrevem!

És aspide (affirmam)
Cuberto de flores,
Sedento d'estragos,
Amigo de horrores:

Sustentam carpindo
Que os féres, e enlêas
Com aureos virotes,
Com ferreas cadêas:

Enganam-se, oh nume!
Teus laços, teus tiros
São longas madeixas,
São ternos suspiros.

3

De liquido aljofar
As faces bordadas,
Ao vento dispersas
As tranças douradas:

«Vingança, meu filho
(Clamava Erycina)
Que a vil natureza
Se atreve á divina:

«Em damno de um impio
Mortal, que me affronta,
Venenos prepara,
Tormentos aprompta:

«Elmano em seus hymnos
Prefere-me Isbella;
Diz que é mais mimosa,
Mais loura, mais bella.

«Os teus males todos
Me vinguem, oh nume!...»
Amor a interrompe:
—Não basta o ciume?

4

Formosa Marilia,
Modêlo das Graças,
Que mil pensamentos
Accendes, e enlaças:

Áquelle, que animam
Teus doces agrados,
Terror dos amantes,
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o
Por ti suspirar,
Ao cćo dos amores
Não deixes voar.

Dos homens ignoras
A indole errante?
Quem é muito amado
Não é muito amante.

5

Do vasto abysmo
Do eterno horror
Surgiu a Angustia
De negra côr:

Logo apoz ella
Veiu o Queixume,
E o delirante
Feroz Ciume:

Determinavam
Em crua guerra
De pranto e sangue
Banhar a terra:

Eis que Amarilis
Idolo meu,
Entre mil graças
Lhe appareceu.

Oh milagroso
Dom da belleza!
No mesmo instante
Riu-se a Tristeza:

O agro Lamento
Mudo ficou;
Só o Ciume
Desesperou.

6

Poupando votos
Á loura Isbella,
Se Amor fallasse
Nos olhos d'ella:

De almos prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia:

Outros, que as almas
Tambem tem presas,
Se regosijam
De ouvir finezas:

Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não.

7

(Imitada de Mr. Parny)

Se os deuses me conferissem
A suprema faculdade
D'espraiar a luz do dia,
E a nocturna escuridade:

Tarde no roxo horisonte,
Candida Aurora, assomaras;
Tarde as viçosas boninas
Com teu pranto rociaras.

O deus, de que és percursora,
Só duas horas, não mais,
Vibrara n'este hemispherio
Seus raios a Amor fataes.

Mais longa seria a noute,
Mais felices os amantes;
E eu, a sabor dos prazeres,
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo
Ao grato somno a daria;
Outra egual ás brandas Musas,
E ametade á minha Armia.

8

(Imitada do mesmo)

Brando leito de verdura,
Linda alcatifa de flores,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores:

Recebe estas frescas aguas,
Que te deve um grato amante,
C'roa-te de nova hervinha
Viceja, logar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o sol dardejar,
Almos, benignos Favonios
Te venham desaffrontar.

As debruçadas alfênas,
Presas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Destillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia engraçada;
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te á pressa,
Que se os brincos amorosos
Amarrotada indicares,
Não faltarão invejosos.

9

Em torno d'aurea colmêa
Amor adejava um dia;
E a mãosinha introduzindo
Humidos favos colhia:

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar;
E ao colo da mãe voando
Do insecto se vae queixar.

Venus carinhosa, e bella,
Diz, amimando-o no peito:
«Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.

«O tenue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões;
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.»

10

(Traduzida de Argenson)

Vê se uma traça
Pódes achar
Para meus damnos
Remediar.

— Empenha afagos,
Roga humilhado...—
Afago, e rogo,
Tudo é baldado.

Lidia me abraza
Em chamma accêza;
E as duras pedras
Vence em dureza.

— Pulsa o laûde,
Cantos lhe ajusta...—
Laûde e cantos
Despreza a injusta.

—Pranto derrama,
Meigo te ostenta,
Que isto a Cupido
Tambem contenta.—

Brando me ostento,
Ais d'alma accêza,
Rios de pranto,
Tudo despreza.

—Punhados d'ouro
Sólta profuso...—
De dões tão grandes
Só reis tem uso.

—Dóme a distancia
Tão grande amor...—
Não pode o tempo,
Que elle é maior.

—Se nada pode
Findar-te a lida,
Aprompta um laço,
Põe n'elle a vida:

Porque te vejo
Triste hesitar?
Só assim pode
Teu mal findar.—

11

Armia

(Pastoril)

> Tardi s'avvede
> D'un tradimento
> Chi mai di fede
> Mancar non sa.
>
> Metast., *Clemenz. di Tit.*, Att. II, Sc. I.

Já tinha a noite estendido
O véo de estrellas bordado,
Estava o campo deserto,
Mudo o vento, o mar calado:
Quando Elmano, o triste Elmano
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido.
A lyra, que n'outro tempo
Sanhudas feras domava,
Rochedos embrandecia,
Turvos áres azulava.

A lyra, que d'antes fôra
Recreio e gloria de Amor,
Já não adoçava as magoas,
Do consternado pastor.
Jaziam pela violencia
Das paixões, e dos destinos
Rotas as cordas brilhantes,
Que espalharam sons divinos.
A descorada Tristeza
Posse do infeliz tomava,
E viçosas esperanças
Em desenganos trocava.
Armia, a formosa Armia,
No coração lh'as plantou;
Armia, a perfida Armia,
No coração lh'as murchou.
Seu definhado rebanho
Em torno d'elle balava,
Que de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.
Rouca a voz, pallido o rosto,
Junto ao Tejo susurrante
Pranteava solitario
D'est'arte o misero amante:
«Echos, que moraes nas grutas,
Ondas, ventos que dormís,
Ah! Como não vos despertam
Clamores de um infeliz!

*

«Vós, a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensiveis,
Oh céos, que me não vingaes!
«Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;
Vingae, profanados numes,
Vosso respeito, e meu mal.
«Ah! Porque não quiz minha alma
Crêr nos presagios, que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
N'este logar proferiu?
«Subito as ondas bramiram,
Todo o ar se ennegreceu,
Seccou-se aquelle ribeiro,
Aquella rocha tremeu.
«Horrendo á parte direita
Funesto corvo grasnou;
Tres vezes o ouvi, tres vezes
Junto de mim revoou.
«Estremeci, mas a ingrata
Que me despreza, e me enjeita,
Não palpitou; já vivia
A taes enganos subjeita.
«Já mil amantes por ella
Haviam sido enganados;
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lh'o a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante, e o coração
Differem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.
«Ditoso de mim se crêra
No que o céo me annunciou!
Mas Armia co'um sorriso
Meus terrores dissipou.
«Em torrentes de delicias
Engolphado o pensamento,
Me esqueci de que não pode
Durar o contentamento.
«Quando os humanos protejes
Oh Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
É a curta duração.
«D'esta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.
«Ah! Para que vens pintar-me,
Para que, fatal memoria,
Os luminosos instantes
Da minha perdida gloria?
«Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

«Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada!
«Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com ellas
Lhe augmentava a formosura
Das longas madeixas bellas!
«Quantas vezes a teu lado,
E á sombra de antigo ulmeiro,
Quando o sol se ia sumindo
Por detraz d'aquelle outeiro;
«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favonios,
Pondo inveja aos mais cantores!
«Ao som da amorosa lyra
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas, que me inspiravam.
«Fitos, pasmados, absortos
D'alta gloria os meus enchiam:
Mil desejos me pintavam,
Mil segredos me diziam!
«Mas n'elles só não fiada,
Tambem co'a voz maviosa,
Tingindo-te a face em tanto
Lindo pejo côr de rosa.

« N'estas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
N'estas mimosas palavras
Que te não hei de ouvir mais;
« — Quando em Armia (affirmavas)
Feias traições encontrares,
Verás, suspirado amante,
Unidos os céos, e os mares.
« — Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de ver-te, e de amar-te,
E detesto o fingimento.
« Teu coração desafoga,
Que entre temores fluctua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sua tua. »
Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia...
Deuses! Céos! Que horror! Que assombro!
A deshumana mentia.
Não duraste longamente,
Encantadora illusão!
Desfez amarga exp'riencia
Os phantasmas da paixão.
Dareis credito, mortaes,
Ás perfidias, que lamento?
Oh terra, treme! Apagae-vos,
Oh luzes do firmamento!

Armia, que ser só minha
Votára ao deus dos Amores,
Recebe, acolhe, premêa
Mil cultos, mil amadôres.
Cançada já de fingir
Me aborrece, me desdenha,
E em azedar meus tormentos
Toda a tyrannia empenha.
Aquella, por quem movido
De ufano, accezo transporte,
Ás vezes me presumia
Superior ao Fado, e á Morte;
Meus ledos competidores
Sem pejo, sem susto afaga,
E pelo rasgado peito
Me vae dilatando a chaga.
Ai de mim! Nem quer ouvir-me
Tristes ais, tristes queixumes;
Manda que soffra calado
Os devorantes ciumes!
Fero Amor, e assim me roubas
O siso, o prazer, e a paz?
Os fructos, que tens, são estes?
Estes os premios, que dás?
Bem como em agra montanha
Descuidado caminhante,
Contemplando a face pura
Do céo risonho, e brilhante:

De repente, quando a planta
Mover distraído vae,
Em precipicio profundo
Faltando-lhe a terra, cáe:
Assim do alteroso cume
Da minha fallaz ventura
Caí no medonho abysmo
Da desgraça, e da amargura.
Ah desleal, que em meus males
Sacías tua fereza,
Que estimas vêr-me penando
Entre as garras da tristeza!
Se ninguem seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer d'amores,
Ao menos não seja aqui!
Se a vida, que tu condemnas
A tormentos, e anciedades,
Hão de roubar-me desprezos,
Antes m'a roubem saudades.
Não posso (ai de mim!) não posso
Vingar minhas afflicções,
Proferindo em tua affronta
Raivosas imprecações:
Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavrar;
O terno, infeliz Elmano
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com odio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.
Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras d'erma floresta,
Até perder a cançada
Vida fatal, que me resta.
Ali do mocho agoureiro
Me ha de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê gloria,
Livre correrá meu pranto.
Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivaes,
A cevar-se em meus martyrios,
A sorrir-se de meus ais.
Mas ah! Se oppostos não fossem
Os sentimentos em nós,
Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.
Vós suspiraes pela posse
Das externas perfeições;
Vós cubiçaes os deleites,
Eu cubiço os corações.
Fartae-vos de ouvir mil vezes
Juramentos de paixão,
Que profere a voz de Armia
Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quiz a Sorte,
Meu prazer, cuidados meus,
Cordeirinhos, ovelhinhas,
Amado rebanho, adeus!
Eis para sempre vos deixa
O vosso infeliz pastor;
Vae findar seus turvos dias,
Triste victima de Amor.

12

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a
D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho

Piedosa, excelsa heroina,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quasi divina
De uns evitaste a ruina,
De outros creaste a ventura:
  Tu, que em formosa união
Com refulgente nobreza
(Accidental condição)
Ligas mais alta grandeza,
Grandeza do coração:
  Tu, que á mãe do luso estado,
Chorada, augusta rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais, que te encaminha
Triste victima do Fado.
  Teus brandos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tanto affeitos,
Senhora, a attender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela desgraça opprimidos:

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao céo te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trevas,
Entre a dôr, e a adversidade:
Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.
Sombra, qual o Averno escura,
Impios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.
Eis doloso, eis negro véo
Meu são caracter encerra;
Monstros me pregoam réo,
Tornam-me odioso á terra,
Fingem-me rebelde ao céo:
Desesperada agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos noute, e dia
Gira o phantasma da morte
Co'a turva melancolia.
Desparziu preces em vão
Angustia, que em mim se exalta;
Mas no centro da affiicção

Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.
Esse adoravel thesouro,
Thesouro da natureza,
Furtado ao seculo de ouro,
Póde expellir-me a tristeza,
E mal peor,—o desdouro.
Não te imploro, alta matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cáe depois que infame
Sobre o delicto resona.
Eu, desvalido mortal,
Ludibrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao m
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.
Se casuaes erros fiz
(Socios da edade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.
Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflamma,
Das Musas suave amor,
Sede implacavel de fama
Me sumiram n'este horror.

Em versos não baixo, ou rude
A teu animo propicio
Já sagrar louvores pude:
Se grato me fôra o vicio,
Eu não cantára a virtude.
Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte, e maligno
D'inveja me fere armado.
Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Affagavam minhas penas.
Dom divino, almo, e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O mérito é grave offensa
Ao coração do invejoso.
Alma gentil, não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes;
Se de mim com gloria fallo,
Honro a dadiva dos numes.
Mas á triste, á maviosa
Phrase da consternação
Já volve a voz lamentosa;

Mais cubiço a compaixão,
Q'um nome, que mal se gosa.
  Não te interesse o valor
(Se algum tem) do vate afflicto,
Commova-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu favor.
  Exerce efficaz valia
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.
  Pelo misero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales
Por minhas angustias mede.
  Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso, e mudo curvei.
  Que, ainda que a rota lyra
No chão despresivel jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:

No meu estro aniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama
Não te houvera eternisado.

CANÇONETAS

1

A Armania

Armania, de alvo rosto,
Encantador, divino,
Vagava junto á margem
Do Tejo cristallino:
Em torno á branda nympha
Se ria a Natureza,
Ufana em ter creado
Tão nova gentileza:
Zephyro, enchendo as rosas
De magoa, e de ciume,
Ia nos labios d'ella
Gosar melhor perfume:
Lindos, subtis insectos
Á roda lhe adejavam
E os louros Amorinhos
De inveja os enxotavam:
*

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vel-a
Mais ledo, e mais gentil:
A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguia o tenro colo,
Dos tenros pés tocada:
Com rapidos gorgeios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Ia de planta em planta:
Á nympha, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso d'ella
Abrilhantava o dia:
Dobrando a graça, o lustre
Do azul, ethereo véo,
No maior bem da terra
Se recreava o céo:
O Tejo namorado
Cedêra a urna de ouro,
Se Amor lhe désse em troca
Tão singular thesouro:
Tudo prazer sentia
Ao ver um tal portento;
O céo, a terra, as aves,
O rio, o sol, e o vento:

Mas o amoroso Elmano
Notando occulto a bella,
Colhia outros effeitos
Dos attractivos d'ella;
Vibram-se-lhe seus olhos
Envenenado tiro;
Por onde a frecha entrava
Saía-lhe um suspiro:
Eis que o menino Idalio,
Que aos tristes amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas flores;
Ao som de um ai, que exhala
O mavioso amante,
Encára, vôa, e diz-lhe
Com rispido semblante:
«Dos Fados no volume
Este decreto está:
— Quem fôr mais estremoso
Mais infeliz será. —
N'isto revôa o nume
Da nympha para o lado,
Deixando em amarguras
Submisso o desgraçado.
Ah lastimoso Elmano!
O que ao traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.

Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armania
Os teus martyrios vale.
E se entre agudas garras
De acerbos desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,
A linda mão, que adoras,
Em fim compadecida,
Talvez te doure a morte,
Se te escurece a vida.
Pode a teu ponto extremo
Illuminar o horror,
A bella a dôce Armania,
Astro do céo de amor,
Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co'as mais.

2

Aos annos da Snr.ª D. Maria do Carmo...

Roxeava no horisonte
Sereno, amoroso dia;
Rosas, e jasmins a Aurora
No puro céo desparzia.
De ameno matiz brilhante
A natureza esmaltada,
Não surgiu tão magestosa
No ponto em que foi creada.
Como que não satisfeito
O artifice divinal,
Primoroso, ultimo toque
Déra ao quadro universal.
Gorgeava em tom mais doce
O plumoso, aereo bando;
De ventos, flores, e rios
Era o murmurio mais brando.
Suas plantas se vestiam
De recendentes verdores,
Em tudo o mez das searas
Imitava o mez das flores.

Ganhava o mundo desperto
Força nova, novo ardor,
E em beneficio do mundo
Tinha madrugado Amor.
Suspenso o costume antigo
De velar na escuridade,
De cerrar cançados olhos,
Quando aponta a claridade;
Dormira o gentil menino,
Quando não usa dormir,
E chusma de affaveis sonhos
Lhe fôra em torno sorrir.
Da mãe no molle regaço
O deus volatil pousou,
Depois que o plano sublime
De estranha empreza ideou.
Qual era o desenho excelso,
Qual a grande, illustre empreza?
Era dar mais luz, mais graça,
Mais prazer á natureza.
Era entornar sobre a terra
Os seus dons, e os da ventura,
Era eternisar um dia
Consagrado á formosura.
Peitar o sol, demoral-o
Sobre o Tejo cristallino,
A Jove extorquir o imperio,
Romper as leis do Destino.

Mal vê que renasce o dia,
Sáe dos lares de Amathunta;
Fugindo á mãe carinhosa,
Os tenros socios ajunta.
Facil não foi congregal-os,
Por mil partes desparzidos,
Aqui sorrisos soltando,
Além soltando gemidos.
Alguns descobre enredados
Nos laços vís da avareza,
Á prepotente fortuna
Sacrificando a belleza.
Alguns entre as labaredas
De ardente bruteza impura,
Ao negro vicio teimoso
Dando os premios da ternura.
Vê seus bens falsificados
Em um, em outro logar,
E ao longe co'as mãos nos olhos
A Verdade a suspirar.
Exhala um ai despeitoso
O menino encantador,
E recorda os tempos d'ouro,
Em que era virtude amor.
Depois de estar pensativo
Curto espaço o meigo deus,
D'esta arte ao extasi arranca
Os falsos ministros seus:

«Vinde, insanos delegados,
Que abusaes do meu poder,
Vinde n'uns olhos, que adoro,
Estudar, vosso dever.
«E tu, deusa profanada
De torpe, audaz vituperio,
(Diz para a triste Verdade)
Vem recobrar teu imperio.
«Tu por mim serás vingada
Dos não devidos insultos,
Em dous corações ligados
Verás os teus, e os meus cultos.»
Tremendo á voz poderosa
Salta o bando dos Amores,
E a denegrida deidade
Renova os seus resplendores.
Brama o vicio abandonado,
E á turba debalde acenas,
Vil, cavilloso Interesse,
Que o cego mundo envenenas.
Pára em roda ao lindo chefe
O arrependído tropel,
E jura ás leis aggravadas
Nunca mais ser infiel.
Amor lhes dá n'um sorriso
Mostras de estar aplacado,
Na frente dos socios vôa,
Vôa a Verdade a seu lado.

Á terra não vem c'roar-se
De teus dons, benigna Flora,
Colhe as flores, que semêa
No ethereo jardim a Aurora.
Eis d'ellas o côro alado
N'um ponto grinaldas tece,
Tambem se enfeita a Verdade,
Que já de adornos carece.
Mutuamente engrinaldados,
Baixam pelos tenues ares,
E da Candida Marilia
Pousam ledos ante os lares.
Vinha assomando entre as graças,
Quando a manhã renascia,
E estranhava a Natureza
Duas auroras n'um dia.
«N'aquella (aos brandos sequazes
Diz Amor) aprendereis
A manter-me os puros gostos,
A zelar-me as doces leis.
«Olha, Verdade lustrosa,
Dos céos adoravel filha,
Como o teu fulgor suave
N'aquelles encantos brilha.
«Em teu nome, em gloria tua
De Hymeneo cingi no altar
Corações incomparaveis,
Venturoso, amavel par.

«A quem me deu mil suspiros,
De mil glorias fiz senhor;
Ao mais extremoso amante
Dei o maior bem de amor.
«Hoje, que em nascer Marilia
Se alteou a esphera humana,
Hoje colherei triumphos
Até da commum tyranna.
«Hoje da terrivel Parca
O poder será coarctado:
Contra mim não tem valia
Leis de Jove, ou leis do Fado.
A quem conferi thesouros,
Que não ha na humanidade,
Tambem cabe em meus portentos
Conferir a eternidade.
«Vive, encanto do universo,
Vive sup'rior á Sorte;
Triumpha, reina commigo
Sobre o tempo, e sobre a morte.
«Quando os Fados subjugarem
O mundo em perpetuo somno,
E o cahos tenebroso, informe
Recobrar seu negro throno:
«Inda de graças c'roado,
De entre a desordem sombria,
Risonho, candido, illeso
Surgirá teu fausto dia.

«Entre os estragos da morte
Irás luzindo immortal,
Suprirá tua existencia
A existencia universal.
«Tenha dos céos o destino
Quem tem dos céos a belleza.»
Disse Amor, sorriu-se a nympha,
E sorriu-se a Natureza.

3

A Rosa

Tu, flor de Venus,
Córada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa;
Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amores.
Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante;
Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que és o mimo
Da Natureza.
O buliçoso,
Candido Amor
Poz-lhe nas faces
Mais viva côr;

Tu tens agudos,
Crueis espinhos,
Ella suaves,
Brandos carinhos;
Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil beijos:
Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.
A mãe das flores,
A Primavera
Fica vaidosa,
Quando te gera:
Porém Marilia
No mago riso
Traz as delicias
Do paraiso.
Amor que diga
Qual é mais bella,
Qual é mais pura,
Se tu, ou ella;
Que diga Venus...
Ella ahi vem...
Ai! Enganei-me,
Que é o meu bem.

4

Filis, e Amor

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;
Por entre a rama
Fresca, e sombria
De tenro arbusto,
Que me encubria,
Vi sem aljava
Jazer Cupido,
Junto de Filis
Á mãe fugido.
Entre as nevadas
Mãos melindrosas
Tinha um fragrante
Festão de rosas.
A mais brilhante
D'elle affastando,
Dizia a Filis
Com riso brando:

«Mimosa nympha,
Gloria de Amor,
Dás-lhe um beijinho
Por esta flor?
«Sou criancinha,
Não tenhas pejo.»
Sorriu-se Filis,
E deu-lhe o beijo;
Mas o travesso
Logo outro pede
Á simples nympha,
Que lh'os concede:
Que por matar-lhe
Doces desejos
A cada instante
Repete os beijos.
Assim brincavam
Filis, e Amor,
Eis que o menino,
Sempre traidor,
Co'a pequenina
Bôca risonha
Lhe communica
Sua peçonha.
Descora Filis,
E de repente
Solta um suspiro
D'alma innocente.

Mal que o gemido
Férvido sôa
O mau Cupido
Com elle vôa.
« Ninguem, oh nympha,
(Diz a adejar)
Brinca commigo
Sem suspirar. »

5

A Noute

A deusa, que esmalta
De estrellas o céo,
Já tinha dobrado
Metade do véo;
O fero inimigo
Da ovelha medrosa
Jazia ululando
Na serra fragosa:
A rã rouquejava
No turbido lago,
Carpia entre as moutas
O môcho aziago:
De alados insectos
Nos ares vagava
Caterva lustrosa,
Que as sombras dourava:
Os lassos Favonios
Dormiam nas flores,
Em quanto velavam
Famintos Amores:

*

Susurro aprazivel,
Que o Tejo fazia,
Coarctava a tristeza
Da noute sombria.
Então solitario,
Seu mal, seus segredos
O languido Elmano
Contava aos penedos.
De gélidas gotas
O rosto orvalhado,
De zelos mordido,
Da vida enjoado:
Destinos! (clamava)
Que assim retardaes
O termo infallivel,
Que imploram meus ais:
« De que me aproveita
Viver d'esta sorte?
A vida é aos tristes
Mais agra que a morte.
« Feliza deixou-me,
Fugiu-me a perjura,
Depois de votar-me
Perenne ternura:
« Fugiu-me, deixou-me
Curtindo a anciedade,
Que geram, que nutrem
Ciume, e saudade:

«Entre estes dous males
Meu peito se sente,
Qual entre dous lobos
Cordeiro innocente.
«Ah céos! Tu, minha alma,
Tu, idolo meu,
Manchando teus olhos
No torpe Sileu!
«A mão, que no peito
Me abriu funda chaga,
Nojoso vaqueiro
Te beija, te afaga!
«C'os braços macios,
Apoio das Graças,
O collo rugoso
Lhe amimas, lhe enlaças!
Consentes-lhe, ingrata,
Que libe, que empeste
Nos teus doces labios
O nectar celeste!
«Cedendo aos assaltos
De impuras caricias,
Tambem lhe franquêas
Vedadas delicias!
«Ah! Vinguem-me, estorvem
Seus jubilos ternos
Com raios, com furias
Os céos, e os infernos!»

Aqui os sentidos
Nas azas de um ai
Lhe escapam, lhe fogem,
E o misero cáe.
Nas grutas os éccos
Ao grito espertaram,
E, d'elle doídos,
A Amor o levaram.
Voando ao fragrante
Vergel de Cythéra
Por ti frequentado,
Louçã primavera,
Encontram Cupido,
Que ha pouca voltára
De empreza brilhante,
Que ufano acabára.
Folgavam do numen
As carnes mimosas
Em molle alcatifa
De goivos, e rosas;
Dormia, e na idéa
Morphêo lhe pintava
Sanguineos triumphos,
Que o mundo chorava;
Não longe, em silencio,
Pousavam Encantos,
Desdens, Esperanças,
Sorrisos, e Prantos;

Mordazes Suspeitas,
Que o deus vigiavam,
Raivando, em si mesmas
Os dentes cevavam:
Do tronco de um myrto
Pendia o luzente
Carcaz, salpicado
De sangue inda quente;
Nas pontas hervadas
Dos aureos farpões
Ainda arquejavam
Fieis corações.
A gárrula turma
Rodêa Cupido,
Repete, anhelante,
De Elmano o gemido.
Eis fremem os ventos,
Eis aves álerta,
Convulsos os montes,
E Amor não desperta.
Os Éccos, pasmados
O corpo lhe abalam,
E apenas o acordam,
D'esta arte lhe fallam:
«É crivel, menino,
Que durmas em paz
Ao som de um gemido,
Que penhas desfaz?»

—«Deixae-me, importunos,
(Lhes brada o travesso)
Que ao som de suspiros
É que eu adormeço.»

6

(Bacchica)

Amor é fonte
De riso, e graça,
Porém não passa
De um só sabor:
O doce Baccho
Tempéra Amor.
Baccho entre o côro
Das lindas Graças
Exhaure as taças
De almo elixir.
D'um deus o exemplo
Cumpre seguir.

7

(Bacchica)

Descuida-se Jove
Na olympica mesa,
Da summa grandeza,
Do eterno poder:
Consente um sorriso
Nos labios, que mólha,
E humano se ant'ólha
No gesto, no ser;
A monotonia
Dos bens, em que impera,
O nectar lhe altera,
Lhe faz esquecer:
O nectar, que adoça
Mortaes azedumes,
Até entre os numes
Matiza o prazer.
Se Jupiter bebe,
Não hei de eu beber?

De Baccho opulento
Compõe-se o thesouro,
De perolas, de ouro,
Topazio, rubí.
Do nectar sentindo
Nas fauces o travo,
Miserrimo escravo
Desdenha o Sofi.
Lustrosas chimeras
Lhe vagam na mente,
Do mundo é contente,
Contente de si.
Amigos, libemos
O pico sagrado,
Tão mal condemnado
Na seita de Ali.
Teimosos cuidados,
Caterva importuna,
Visões da Fortuna,
Deixae-nos, fugí.
O nosso universo
Não passa d'aqui.
Em torno a Baccho
Susurra, adeja,
Ri-se, graceja,
Scintilla Amor.
Ao deus Idálio
Baccho é preciso,

Doura-lhe o riso,
Lhe accende a côr.
  Amor, oh Baccho,
Tem por costume
Juntar seu lume
Com teu ardor.
  Ambos se adorem
Com egualdade,
Tenha a vontade
Mais de um senhor.
    Baccho triumphe,
    Triumphe Amor.

ENDECHAS

1

A Armia

Já de illusões não vivo
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum mortal se esquiva
Do que lhe ordena o Fado.
Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me afagam, me promettem
Dulcissimos favores;
Em vão meiga esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.
Suspeita roedôra
Me gasta o frouxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,
Onde mil serpes cria,
Ouço-lhe em surdas vozes:
«Não lograrás Armia.»
Usa sonhar venturas
A credula esperança;
Só entre mortas cinzas
No tumulo descança;
As lagrimas nos olhos,
No peito enfrêa os ais,
Doura crueis desastres
A miseros mortaes.
Em rapidos momentos
Aos deuses me egualou,
Phantasticas delicias
Na idéa me traçou.
Mil vezes, doçe amada,
Fingiu ao meu desejo
Patentes os thesouros
Que recatava o pejo;
Mil vezes (ah! Foi sonho,
Mas sonho encantador)
Me fez voar comtigo
Á gloria, ao céo de Amor.
Ali do terreo manto
Minha alma solta, e nua,
Philtrando-se em teus labios,
Ia aggregar-se á tua;

Ali teu brando peito,
De Amor altar sagrado,
De accezos pensamentos
Só visto, só tocado,
Á boca melindrosa,
Leda, suave, e pura
Suspiros te enviava
De gosto, e de ternura.
Mas eis que a luz se extingue
Da fulgida illusão,
E escura, horrenda nuvem
Me abafa o coração.
Tenaz desconfiança,
Que ás fibras se me afferra,
Garras mortaes vibrando,
Move aos prazeres guerra.
Subito, abrindo as azas,
As azas côr de neve,
Foje de horror a instavel
Turba risonha, e leve.
Debalde a companheira
Fiel dos desgraçados
Quer suspender o adejo
Dos jubilos alados:
Por corações tranquillos,
Soltos das leis de Amor
Te abrigas, te repartes,
Oh bando voador!

Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora;
E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Phrenctica deseja
Poder-se aniquilar.
Se o racional tivesse
Do irracional a sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da morte;
Feliz de um terno escravo,
Feliz de um triste amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!
Mas ai que a turba insana
Dos mêstos amadores
Té lá no reino escuro
Vae suspirar de amores.
Sobre os elysios prados
Inda a sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido;
Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa,
Inda goteja o sangue,
Que a neve purpurêa.

Tambem nas margens tuas,
Oh rio somnolento,
Sem demandar o abysmo
Do eterno esquecimento,
Carpindo a bella esposa,
(Ah! Que não póde Amor!)
Arde, suspira o thracio,
Miserrimo cantor.
Ali aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia
Em que applacára os monstros
Da região sombria;
Ali no pensamento
O estygio rei figura;
Vê-lhe os terriveis olhos,
A torva catadura:
Vê-o fervendo em raiva,
Troando em ameaços,
Porque um vivente ousára
Tocar-lhe os negros paços.
Eis fere a maga lyra,
Que infunde o céo no inferno:
De assombros assaltado,
Cede o tyranno eterno:
Acóde aos igneos olhos
Doce, invencivel somno,
Baquêa o férreo sceptro
Sobre os degráus do throno.

Até que em si volvendo
Do subito lethargo,
Contempla Orphêo saudoso,
Desfeito em pranto amargo.
Soffrendo um ar benigno
No carrancudo aspecto,
Mostra sentir piedade
Do mavioso objecto.
Co'a féra mão, que firma
Dos réos a eterna pena,
Para indagar seus males
Em fim ao vate acena.
Inquire a causa ignota,
Pergunta o gran motivo
De lhe invadir o imperio,
De ir aos infernos vivo.
Mal que as razões lhe escuta
Quebranta a lei da morte,
Manda que á luz do dia
Volva a gentil consorte.
Mas ai, que o vingativo,
Terrifico Plutão
Une á maior das graças
Pezada condição!
Nas férvidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia,
Quer despicar o insulto.

«Vae (diz ao triste amante)
Que um não sei que me obriga
A permittir que os passos
Eurídice te siga;
«Mas nega-lhe teus olhos
Em quanto profanares
Co'a temeraria planta
Meus horrorosos lares.
«Á clausula, que imponho
Se execução não dás,
Sem a chorada esposa
Rever o mundo irás.»
Ah malfadado! Acceitas
O rigoroso artigo,
Mas subito exp'rimentas
Um barbaro castigo.
Pela mordaz saudade
Roto o cruel preceito,
Olhas, e vês em sombras
Teu jubilo desfeito.
Sumindo-se a teus olhos
A cara esposa vae,
E a teu inutil grito
Responde ao longe um «ai!»
Soltando-se, apoz ella
Te vôa o coração,
Para alcançal-a emprehendes
Tudo, mas tudo em vão:

*

Ás ferrolhadas portas
Do amplo salão ruidoso
Tórnas de novo, e queres
Entrar-lhe o seio umbroso:
Extráes um som da lyra
Mais tentador, mais terno,
Mas o divino encanto
Não move o surdo inferno.
Dest'arte a meiga esposa
Do misero amador
Foi por amor ganhada,
Perdida por amor.
Ah brando Orphêo! Não chores,
Supprime os ais que lanças,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.
Eu sou mais desgraçado,
Tu não padeces tanto,
Tu logras, tu desfructas
O premio de teu pranto:
Aquella, que soava
Na tua doce lyra,
Qual suspirava d'antes
Inda por ti suspira:
Eu, miserando objecto
De dôr, e de piedade,
Junto á fatal balisa
Da triste humanidade,

Queimando o véo dos Fados
Co'a luz da phantasia,
Vejo futuros males,
Vejo traições de Armia.
Dura exp'riencia antiga
No coração me diz
Que o lacrimoso Elmano
Jámais será feliz.
Oh domador das féras!
A doce, a bella ingrata
Que o laço da existencia
Me sólta, me desata,
Eurídice é nas graças,
Mas na paixão, na fé,
No afago, nos extremos
Eurídice não é.
Votos de amor lhe escuto,
Mas no benigno rosto
Um animo lhe observo
Para a traição disposto.
Os bens instaveis préza
Da lubrica Ventura,
E o desvelado Elmano
Não tem senão ternura.
Na mente a cada instante
Diviso (oh céos! Que horror!)
Volver a ingrata os olhos
A novo adorador;

Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da morte:
E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
C'o presumpçoso amante
Pizar-me a campa fria:
Ali, entre seus braços,
Para o cruel fartar,
Do extincto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.
Mas trema a deshumana
Se desleal me fôr,
Trema, que até na morte
Terá dominio Amor.
Fará surgir do Averno
Meus manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.
Qual o afanoso Orestes,
Das Furias acossado,
Sempre terás, oh féra,
O meu phantasma ao lado;
Como a continua sombra
Perseguirei teus passos:
Não folgarás ao menos
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silencio
Da erma noute escura
Turbar-te os deleitosos
Mysterios da ternura.
Quando (ai de mim) sentires
Teu coração tremer,
Voar tua alma ao cume
Do rapido prazer,
«Perjura! (hei de gritar-te
Com pavorosa voz)
Eu sou Elmano, e venho
Punir teu crime atroz.»
Verei de horror gelar-se
Teu animo infiel,
E o nectar de teus gostos,
Impia, mudar-se em fel:
Teu complice odioso
Verei, dando um gemido,
Fugir-te d'entre os braços,
Convulso, espavorido.
Armia, ah não te exponhas
D'um numen ao furor:
Se as leis de Amor não cumpres,
Teme o poder de Amor.

2

A gruta do Ciume

Ha um cerrado bosque
Áquem do abysmo eterno,
Vê-se o vapor do inferno
Nos ares negrejar;
Ali rebentam, crescem
Mil plantas venenosas,
Mil serpes tortuosas
Ouvem-se ali silvar;
Rochedos escabrosos
As nuvens ameaçam;
Rios por elles passam,
Medrosos de os tocar;
Ali tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem damnar;
De infestas, roucas aves
O bando ali se acouta,
Que está de mouta em mouta
Desastres a agourar;

As azas não menêas,
Ali, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.
Ali umas com outras
As arvores se fecham,
De sorte que não deixam
Do dia a luz entrar;
A custo ali respira,
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;
Ali, sempre aclarado
Pelo tartareo lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.
Na aborrecida entrada
Véla a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;
No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Phrenetica murmura,
Venenos a espumar:
Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa
Caterva pavorosa
De monstros ulular:

N'um férreo throno em braza
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os mortaes tragar:
Na mão tem negra taça
Cheia do fel da morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;
Ara fatal ao mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulphurea, ardente pyra
N'ella se vê fumar;
N'ella milhões d'amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,
As vêas esgotar;
Ministro carrancudo
Frio cutélo amóla,
E as victimas dególa
Sobre o medonho altar.
Vós deveis crer, humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
É de quem foi tão tristes
Objectos contemplar.
Ah! Sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrido logar;

E se eu, mortaes, não pude
Como poderam tantos,
Em sangue, em ais, em prantos
O espirito soltar;
Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fosse:
Achou que era mais doce
Morrer do que penar.

RETRATOS

1

Em quanto os gados
Pascem dispersos
Casem-se á lyra
Meus brandos versos.
Tyrso, que adoras
Nize engraçada,
Ouve o retrato
Da minha amada.
Em seus cabellos
Soltos, e ondados
Mil Cupidinhos
Estão pousados:
Lá, convertidos
Em virações,
Ordenam laços,
Armam traições.
Os olhos d'ella
São como o céo
Depois que a Noute
Desdobra o véo:

Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:
Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,
Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva
Que a gentileza:
Nos doces labios
Qualquer sorriso
Aviva idéas
Do paraiso:
Ornam-lhe o seio
De eburnea côr
Por fóra as Graças,
Por dentro Amor:
Ali assaltos
De audaz desejo
Move a ternura,
Rebate o pejo:
Das melindrosas
Mãos transparentes
Os alvedrios
Ficam pendentes:

Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio,
Guardam thesouro
De alta valia,
Que só se gosa
Na phantasia.
Ah! Que attraído
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve n'ella!
Tyrso, não posso
Pintar o mais,
Meus brandos versos
Tornam-se em ais.
Já tu conheces
A formosura
Que foi objecto
D'esta pintura.
Quem do retrato
Não ajuiza
Que ou é de Venus,
Ou de Felisa?

2

Vive na margem
Do Tejo louro
Candida nympha,
De Amor thesouro.
Madeixas bellas
Ao ar lhe ondêam,
Que os pensamentos
Soltas enlêam:
Seus olhos ternos
De alta belleza
São dous milagres
Da natureza:
A liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:
Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitam
Jasmins, e rosas:

Nos puros labios
Do acceza côr
Mudado em riso
Triumpha Amor.
Um véo lhe some
Globos de neve,
E a phantasia
Só se lhe atreve.
Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisiveis,
Sôfregos beijos.
De mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido
Quão suspirado,
Recebe d'ella
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gosado encanta.
O deus terrivel,
O summo Jove,
Que os céos occupa,
Que os astros move,
Um dia os olhos
Volvendo á terra
Viu esta nympha,
Das almas guerra.

Sentiu de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Caíu-lhe o raio.
Pasmou do humano,
Raro portento,
Fugiu-lhe Venus
Do pensamento;
De novo em cysne
Foi transformar-se,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.
Ah! Se até Jove
Ferve em ternura,
Vendo os encantos
De Armania pura;
Se elles o ferem,
Que mal, que damno
Farão no peito
Do terno Elmano!

QUADRAS

I

«Deus de Amor (a Amor eu disse)
Sou feliz, venci meu fado,
Quebrei de antigas tristezas
O jugo a que estive atado;
«Achei piedade em Felisa,
Entre as mais bellas tão bella,
Que nem tua mãe possue
Olhos como os olhos d'ella.
«Aquelles astros benignos
Com que influes teu poder
Me deram candidas mostras
De ternura, e de prazer.
«Tenro deus, (eu proseguia)
Tenro deus, sou venturoso...»
Eis me interrompe o menino
Em tom suave, e piedoso:
—«Meu fiel, submisso escravo,
Triste exemplo dos amantes,
Não folgues, não te hallucines,
És infeliz como d'antes.

*

« Tenho em vão lidado, Elmano,
Por melhorar teu destino:
Um poder mais formidavel
Destróe meu poder divino.
« Irrevogavel sentença
É a sentença do Fado:
Eu desejo-te ditoso,
Elle te quer desgraçado.
« Ah servo meu! Vê, repára
Se de ti doído estou:
Teu grilhão romper quizera
Com esta mão, que o forjou;
« Mas, infeliz, eu não posso
Desatar teu coração:
O jus de remir amantes
É do tempo, e da razão.
« Sabe que vens illudido,
Felisa não te acarinha;
A compaixão, que notaste,
Não era d'ella, era minha.
« Eu, quando louco de amores
A seus pés foste gemer,
Jazia em seus lindos olhos
Sem a tyranna o saber.
« Commigo ali se abraçava
A afagadora esperança,
Mas no coração da ingrata
Velava a féra esquivança.

«Por mais que instantes de gosto,
Ou de descuido lhe espreito,
É baldada a vigilancia,
Não posso invadir-lhe o peito.
«Se de novo contemplares
Seus olhos, que n'alma tens,
D'onde afagos mil brotáram
Verás brotar mil desdens.
«Abate o vão pensamento
A tanta gloria exaltado,
E sejam teu desafôgo
Imprecações contra o Fado.»
Aqui soluço ancioso
A doce voz lhe enleou,
E as rosas das tenras faces
Miudo pranto aljofrou.
Eu desconsolado, eu mudo
Quanto d'antes ledo, ufano,
Offrendas, que a Amor levava,
Fui levar ao Desengano.

2

A Armia

(Imitadas de Parny)

Occulte-se, doce Armia,
Negue-se, minha deidade,
A scena dos nossos gostos
Á nociva claridade.
Nunca os segredos da noute
Contêmos, meu bem, ao dia;
Frios corações ignorem
Nossa mútua sympathia.
Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.
Por ti receio a viveza
De experta mãe vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Um coração de diamante:

Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com ouro se amacia.
Em quanto luzir de Apollo
O importuno resplendor,
Não rutilem nos teus olhos
Desejos que accende Amor,
Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces,
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;
Mostra-me um ar distraído,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez...
Mas ai! Que de quanto disse
Quasi arrependido estou.
Minha Armia, ah não abuses
Dos conselhos que te dou!
Em nome de Amor te rogo
Que nunca em minha presença
Com perfeição arremedes
A descuidada indiff'rença.
«Aquillo é brinco, é disfarce»
Diria... mas oh tormento!
Receoso da verdade
Me deixára o fingimento.

3

Inalia melhor que a Rosa

Assim como a madrugada
Na manhã de Abril formosa
Derrama suave orvalho
Sobre a pudibunda rosa:
Do mesmo modo Natura
No rosto de Inalia bella
Vai lançando tantas graças
Quantas não tem uma estrella.
Á proporção que o sol cresce,
Na rosa se augmenta a cor;
Em Inalia a cada instante
Se encontra graça maior.
Da rosa agudos espinhos
A guardam de impuro tacto,
De Inalia a pureza a guarda
Inda com maior recato.
Da rosa o doce perfume
Um só sentido arrebata;
Mas o halito de Inalia
Tanto encanta, que até mata.

Empenha-te, oh Natureza,
Em crear flor mais mimosa,
Que á vista da minha Inalia
É de pouco preço a rosa.
Outro ente jámais formaste
Tão terno, nem tão perfeito;
Quebrou-se, mal que o acabaste,
O molde por que foi feito.
Não pódes outro segundo
Ao primeiro egual fazer;
Porque nem sempre o acaso
Nos deve favorecer.
Quando o faças inda assim,
Não terás ganhado a palma;
Pois tu só dás a figura,
Porém nós formàmos a alma.
Alegra-te, Inalia minha,
Mais pura que a rosa pura,
Que essa alma de que és dotada,
É maior que a formusura.
Revive, Inalia, revive
Para modelo das flores,
Chefe d'obra da Natura,
Doce incentivo de amores.
Oh Tempo! Oh Morte! De Inalia
Os dias vos são vedados:
Eu li nas mãos do Futuro,
Que vos eram reservados.

TRABALHOS DA VIDA HUMANA

Je suis forcé de m'abaisser
Pour me faire entendre.

VOLTAIRE.

Se em verso cantava d'antes
O poder da formosura,
Hoje vou chorar em verso
Inconstancias da ventura.
Vou pintar os dissabores,
Que soffre meu coração,
Desde que lei rigorosa
Me pôz em dura prisão.
A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.
Do funesto Limoeiro
Já toco os tristes degraus,
Por onde sobem, e descem
Egualmente os bons, e os maus.

Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.
Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr—Manuel Maria,—
E logo á margem—*Segredo.*—
Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.
Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
Estufa de treze palmos
Co'uma fresta, que dizia
Para o logar ascoroso,
Denominado enxovia.
Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanço os membros no chão.

Mil terriveis pensamentos
Da minha alma se apoderam,
Gostos, e bens d'este mundo,
Então conheci o que eram.
Nos olhos o pranto ferve,
No coração cresce a dor,
E com males da fortuna
Se mixtura o mal de amor.
Quando mais me lamentava,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta, e me conforta.
Era Ignacio, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios,
Por heróe da humanidade.
Do amavel carcereiro
Me patentea o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
Junta a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'este lastimosa vida.
Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino,
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigencia
Eu gemia atribulado;
Quando Aonio, o caro Aonio,
Da natureza thesouro
Á triste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.
Em quanto existir Elmano,
Sempre, oh genio singular,
Na sua alma, e nos seus versos
Terás honroso logar.
Passados vinte e dous dias,
Soffrendo mil magoas juntas,
Em fim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.
O ministro destinado
Era o respeitavel Brito,
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.
Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda, amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel Ponte.
Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia;
Do pezo da opinião
Aligeirei a innocencia.

Puni pelo caro amigo,
Ferido de interna dor:
Singular sou na amisade,
Como singular no amor.
Posto fim ao acto serio,
O meu guia me conduz
Para segredo mais largo,
De que não tem medo a luz.
Fiquei mais desafogado,
Mas tambem fiquei mais só,
E de amargura sentia
Soltar-se da vida o nó.
Lembrava-me a curta fresta,
Por onde á presa matula
Ouvia de quando em quando
Conto vil em phrase chula.
Lembrava-me a gritaria,
Que faz a corja, a quem passa,
Loucamente mixturando
O prazer com a desgraça.
Lembrava-me este catando
Piolho, que d'alvo brilha,
Aquelle a chuchar gostoso
Cigarro, que ou compra, ou pilha.
Um por baldas, que lhe sabe,
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aquelles jogando a faca.

Cousas taes, que n'outro tempo
Me fariam anciedade,
Eram então para mim
Estimulos de saudade.
Servindo-me de tormento
A minha imaginação,
Em claro passava as noutes,
Passava os dias em vão.
O meu extremoso Ignacio
Benigno me visitava,
E com suaves conselhos
A minha pena adoçava.
Qual foi commigo ao principio,
Commigo a ser continúa:
Os desgraçados encontram
Poucos almas, como a sua.
Céo, que todas as venturas,
Todos os bens tens comtigo,
Faze que ser grato eu possa
Ao meu benefico amigo.
Ou tantas felicidades
Te digna, céo, de lhe dar,
Quantas as razões, que eu tenho
De todas lhe desejar.
Em fim, depois de soffrer
Tardas horas de tormento,
Fui costumando a minha alma
Ao solitario aposento.

O Deus creador do mundo,
Pae, amigo universal,
Com saudavel, brando somno
Foi-me interrompendo o mal.
D'este centro da tristeza,
Morada das afflicções,
Fiz ao logar das perguntas
Inda mais tres digressões.
Amo, professo a verdade:
Nas tres digressões que fiz,
Sempre achei o amavel Brito
Mais bemfeitor, que juiz.
Tal tem sido a minha sorte
N'esta dolorosa estancia,
Aonde a philosophia
Ás vezes despe a constancia.
Ha já quarenta e tres dias
Que choro n'este degredo:
Hei de ser muito calado,
Costumaram-me ao *segredo*.

ALLEGORIAS

1

A Anarda

Candida pomba mimosa,
Ave dos niveos Amores,
Cingida por mão das Graças
D'um lindo colar de flores:
Venus, macia a meus versos,
Grata aos cultos, que lhe dou,
Já desde o ninho amoroso
Para mim te destinou.
A pomba de Anacreonte,
Nuncia dos suspiros seus,
Tinha parte em seus desvélos,
Tu gosas todos os meus.
Ella não foi tão fagueira,
Tão delicada, e tão bella,
Tão doce á mãe de Cupido,
Tão digna dos mimos d'ella.

*

Se vive na branda Musa
Do terno, rugoso amante,
Tu tens juvenil Camena,
Que te idolatre, e te cante:
Tens os sons da minha lyra
Sagrados a teu louvor,
Vezes mil nas aureas cordas
Uno teu nome ao de Amor.
Se a que voava a Bathylo
Mereceu posteridade,
A teus encantos compete
Não menos que eternidade.
Se em templo, que os muros de ouro,
Que a base nos céos escora,
Defeso ao monstro implacavel
Que os proprios filhos devora,
Se junto ás aras luzentes
D'alta Memoria superna,
Em galardão de meus cantos
Me cabe memoria eterna;
A'quella enchente de glorias
Ou tu voarás commigo,
Ou hei de, enjeitando o premio,
Morrer de todo comtigo.
Não vale este excesso a dita
De só por ti conhecer
Que inda existia o teu vate
Para amor, para o prazer?

Tu despertaste em minha alma
A dormente sympathia,
Sentimentos, que a desgraça
Quasi amortecido havia:
No horror de escuros desastres
Abafando o coração,
Das carinhosas delicias
Era esquivo á commoção;
Mas apenas a meus olhos
Em molle adejo assomaste,
De mil serenas idéas
Minha phantasia ornaste.
Eis surgir d'entre as ruinas
Vejo o imperio da belleza,
N'alma outra vez me resôa
O grito da natureza.
Tórno a sonhar a ventura,
Tórno a suspirar de amores,
E julgo o céo resumido
Nos teus dons encantadores.
Meus pensamentos se apuram,
Apuram-se os meus desejos
No tenue philtro celeste
De teus espontaneos beijos.
Ás vezes, porém, meus gostos
Saltêa azedo temor
De que nas garras farpantes
Te arrebate ousado açor.

Cuido ver-te injusta preza
Do roubador famulento,
Que exulta no inaccessivel,
Remoto asylo do vento:
Cuido ver-te lacerada
De fero, voraz instincto,
E quantas feridas sentes
Em dobro, em tresdobro sinto...
Mas longe, longe d'esta alma,
Arripiados terrores;
Cessae, que no meu thesouro
Estão velando os Amores:
Elles não querem perdel-o,
Elles sabem-lhe a valia,
Sabem quanto a Natureza
D'este penhor se atavia.
Porém tu, menino Idalio,
Se te enternecem meus ais,
A teus prodigios immensos
Ajunta um milagre mais.
Deixando-me a vida illesa,
Abre-me o peito inflammado,
Abre, oh nume, e desvanece
Este medroso cuidado:
A gentil pomba, que adoro,
Dirije co'a tenra mão;
Em meu peito se resguarde,
Pouse no meu coração.

2

O Zephyro e a Rosa

(Imitada de uns versos de Parny)

Linda Rosa sobre a margem
De um regato cristalino,
Ia abrindo o rubro seio
Ao doce humor matutino:
Acaso um Zephyro, errante
Nas amorosas paixões,
A viu, e quiz dos prazeres
Dar-lhe as primeiras lições:
Porém não foi attendido
Da florinha esquiva, e bella,
« Por quem sois voae, deixae-me,
Não posso amar (lhe diz ella):
« Ainda sou pequenina,
Ainda apenas vos vejo,
Tornae á tarde, e de ouvir-vos
Talvez terei menos pejo. »

N'isto o Zephyro adejando
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vos succede, oh nymphas,
Succede tambem ás flores.
Indo já lonje, eis um Euro
Para a rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende uma folhinha.
Cáe no arroio, e vai com elle
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Apoz esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.
Finalmente o rude amante
Mimosas graças desfaz,
Que os meigos deuses lograram,
Se a Rosa fôra sagaz.
Vólta o Favonio ancioso
Por gosar ternos carinhos;
Mas ai, que em logar da Rosa
Não acha mais do que espinhos!
Armia, observa este exemplo,
Desterra illusões, e enganos,
Segue Amor, antes que o tempo
Te desfolhe a flor dos annos.

GLOSAS

1

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração!

GLOSA

Tres vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu nascia,
Ave, que aborrece o dia,
Que prevê crueis azares:
Amor dividira os ares
De seus tormentos cercado;
Á funda estancia do Fado
O vôo havia abatido,
E ambos tinham resolvido
«Que eu fosse em fim desgraçado.»

—Esse, que os primeiros ais
Vai soltar triste, e choroso,
Seja á Fortuna odioso,
Seja pezado aos mortaes:
Dos mimos de Amor jámais
Desfructe a consolação;
Ame, porém ame em vão,
Ferva-lhe n'alma o ciume.—
Isto no horrendo volume
«Escreveu do Fado a mão.»

Cresci, cresceram commigo
Meus damnos, e n'um transporte
Curva maga a ler-me a sorte
Com roucas preces obrigo:
Eis que toma um livro antigo,
Abre, vê, folhêa, estuda,
Té que me diz carrancuda:
«Nos caracteres que olhei
Fim ao teu mal não achei;
«Lei do Fado não se muda.»

Absorto, convulso, e frio,
Deixo de erriçada grenha
A Furia em concava penha,
Seu lar medonho, e sombrio:
Debalde lucto, e porfio
Contra a Sorte desde então;

Céos! Não achar compaixão!
Céos! Amar sem ser amado!
Barbara lei do meu fado!
«Triste do meu coração!»

2

Se amor vive além da morte,
Constancia eterna hei de ter;
Se amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA

Fui onde o sabio Fatino,
Vate pelos annos curvo,
Rompe o véo tapado e turvo,
Que envolve as leis do Destino:
Entro a gruta, a fronte inclino,
E exclamo em vivo transporte:
«Oh tu, que fallas co'a Sorte,
Eia, dize ao mais constante,
Ao mais abrazado amante
«Se amor vive além da morte.»

Analia, deusa na face,
Deusa até no coração,
Temeu que a minha paixão
Como as outras desmaiasse:

Para que o meu bem deixasse
De vacillar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
—«Despe, amada, um vão temor,
Que por milagre de Amor
«Constancia eterna hei de ter.»

«Talvez foi voto indiscreto...»
Proseguia; eis meneando
O gran velho venerando
Tres vezes seu grave aspecto:
«Que não ousa um louco affecto!
(Me diz com voz desabrida)
Alma insana, alma atrevida,
Ha quem confie, ha quem jure,
Que amor entre cinzas dure,
«Se amor dura só na vida!»

«Doudo amante hallucinado,
Como ha de a paixão, como ha de
Ir alterar a egualdade
Que aos entes impoz o Fado?
Não ha permanente estado,
O Nada provém do Ser;
Torna, vae-te desdizer,
E faze o teu voto assim:
«Mais poder não cabe em mim,
«Hei de amar-te até morrer.»

3

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Caracter, costume, e lei.

GLOSA

Fernando avilta o brazão
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pezares,
E vai co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
«Defender os patrios lares.»

Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera;
No berço Belicna fera
Bafeja real menino:

Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! Segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
«Dar a vida pelo rei.»

Cáe o moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando:
Férreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadêas lança,
(Bem como os da gloria) herança
«É dos lusos valorosos.»

Rompe emfim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o renovo bragantino
Reluz no remido throno:
Oh lusos! Celeste abono
Verificae, merecei;
Duro assalto removei;
Jus vos dão para a victoria
Um Deus, a razão, a historia,
«Caracter, costume, e lei.»

4

Perguntei a Amor, e á Sorte
Se tem remedio o meu mal;
Respondeu-me em tom severo
—Que o não tem, porque é mortal.

GLOSA

Eu, que sinto o peito arder
Na pura neve d'Isbela,
Que um volver dos olhos d'ella
Não posso ao menos obter:
Cançado em fim de soffrer
Vida peor do que a morte,
Em paixão tão cega, e forte
Que já passa a desatino,
Qual seria o meu destino
«Perguntei a Amor, e á Sorte.»

«Numes! Poderosos numes!
(Clamaram meus labios tristes)
Vós, que de mim sempre ouvistes
Brados, suspiros, queixumes;

Vós, que as ancias, os ciumes
Lançaes n'esta alma leal;
Vós, que permittis que um tal
Incendio me offenda, e queime,
A! Consolae-me, dizei-me
«Se tem remedio o meu mal?»

Disse; e logo o deus alado
Que céos, e terra avassalla,
Com voz suberba assim falla
A' deusa, que tinha ao lado:
«D'este amante o cruel fado
Que exponhas, oh Sorte, eu quero;
Ergue a voz, pois te assevero
Que o seu pranto me importuna.»
Calou-se Amor, e a Fortuna
«Respondeu-me em tom severo:»

«Tu, que dourada corrente
Toléras, mostras, arrastas;
Que os dias, e as noutes gastas
Em chôro infeliz, e ardente:
Tu, que buscas finalmente
Remedio prompto, e cabal
Á tua dor sem egual;
Sabe, para teu terror,
Que o não tem, por que é de Amor,
«Que o não tem, por que é mortal.»

5

O tempo, que Amor perdeu,
Finezas mal merecidas,
Promessas nunca cumpridas,
Nada d'isso chóro eu.

GLOSA

Graças aos céos, já não sinto
Aquella viva paixão,
Das liberdades prisão,
Dos corações labyrintho:
Já não lamento, nem pinto
Cruezas do genio teu;
A verdade em fim rompeu
Trevas d'esse engano antigo;
Nem já me lembra comtigo
«O tempo, que Amor perdeu.»

Reina em meu peito a alegria,
Minh'alma de todo é sua;
Brilhe o sol, ou gire a lua,
Chegue a noute, ou venha o dia:

Sinto em dura antipathia
Minhas paixões convertidas;
Em mil vozes desabridas;
Troquei por justas razões
Amorosas expressões,
«Finezas mal merecidas.»

Virtude, só teus altares
Incensarei com fervor,
Proferindo contra Amor
Imprecações a milhares:
Loucuras, ancias, pezares
Elle causa ás tristes vidas;
E quando glorias subidas
Jura dar ao coração,
As suas promessas são
«Promessas nunca cumpridas.»

Queixe-se embora do Fado
Aquelle que vê, que alcança
Em vez de ternura, esp'rança,
Desprezo, rigor, enfado:
Chore-se qual desgraçado
O que a vontade rendeu;
Sabendo que vive o seu
Rival nos braços da amada;
Chore-se embora, que nada
«Nada d'isso chóro eu.»

*

6

Pondo a mão nas sacras aras
Tu juraste, e eu jurei;
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fé não faltarei.

GLOSA

No templo do nume alado
Cujas leis adoro, e sigo,
Entrei, Marilia, comtigo
De verde myrtho c'roado:
Ali jurei ao teu lado
Vivo amor, finezas raras;
E tintas as faces claras
Do purpureo pejo honesto,
Tu fizeste egual protesto
«Pondo a mão nas sacras aras.»

Cupido a frente menêa,
E pago da jura amante,
Co'um sorriso no semblante
O seu prazer patentêa:

Á multidão, que o rodêa,
Escrava da sua lei,
Tu ouviste, eu escutei
Hymnos mil, Marilia amada,
Louvando a fé, que prostrada
«Tu juraste, e eu jurei.»

Aureo thuribulo então
Prompto ministro nos dá,
Mutuamente o movem já
A minha, e a tua mão;
Perturbando os ares vão
Nuvens de incenso fragrante;
E do solio de diamante
Diz Amor a mim, e a ti:
«Guarda o voto, que te ouvi,
«Cuida tu em ser constante.»

Eu com a voz do respeito
Ardendo em férvido lume,
Lhe respondo: «Oh Gnideo nume,
Nume a quem vivo sujeito!
Dos votos, que tenho feito,
Eu jámais me esquecerei;
Dos deuses o páe, e o rei
Com raios o mundo estrague,
O céo caia, o sol se apague,
«Que eu á fé não faltarei.»

7

Só o nome de Maria
Inconstancia quer dizer;
A mulher, que assim se chama,
Ingrata sempre ha de ser.

GLOSA

É desatino, é loucura
No mundo haver quem pretenda
Que até dos nomes dependa
A condição meiga, ou dura:
Mas, bem que esta conjectura
Tem visos de errada, e fria,
Eu não sei que antipathia,
Que desgosto, que aversão
Desperta em meu coração
«Só o nome de Maria!»

Jámais o numen vendado
Alcançou de mim victoria,
Jámais fundei minha gloria
Na posse de um puro agrado:

Mas se por força de fado
Chegar um dia a querer,
Ninguem me verá morrer
Pelo nome de Maria,
Pois se por «mar» principía,
«Inconstancia quer dizer.»

Licio, de quem longos annos
A crespa cerviz humilham,
E em cujo aspecto já brilham
A montões os desenganos:
Diz—que é causa de mil damnos,
Que mil discordias derrama,
Que é furia pelo que inflamma,
Que é crocodilo no pranto,
Serêa na voz, no canto
«A mulher, que assim se chama.»

Vós pois, que as aras beijaes,
E a quem eu meus votos nego,
Vós, que insanas leis de um cego
Tão cegamente adoraes:
Se não quereis de vãos ais
Os ares subtis encher,
Vede a quem ides render
Vossa interna idolatria,
Que toda a que fôr Maria
«Ingrata sempre ha de ser.»

8

Eu quero bem á Desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho aversão á Ventura,
Que no melhor me faltou.

GLOSA

Deuses! Commigo indignados,
Meneando a sacra mão,
Vertei no meu coração
Milhões de acerbos cuidados:
Exemplar dos malfadados
O vosso rigor me faça;
Persiga-me a Sorte escassa,
Que não me obriga a queixume;
Não, deuses, não; por costume
«Eu quero bem á Desgraça.»

Esta deidade sombria,
Em cujo livido rosto
Nunca resplandece o gosto,
O riso, a paz, a alegria:

Apenas a luz do dia
Os olhos meus illustrou,
Entre os braços me apertou,
Ao peito me trouxe unido,
E tão leal me tem sido
«Que sempre me acompanhou.»

Satisfaz-se o meu desejo
Quando nos candidos ares
Denso tropel de pezares
Correr a buscar-me vejo:
Ventura, não te festejo,
Vae-te, outras almas procura;
Vae-te, que de ti murmura
Meu infeliz coração;
Tenho ao prazer aversão,
«Tenho aversão á Ventura.»

Desgraça, numem immenso,
Tu, tu, que desejas tanto
Em vez dos hymnos o pranto,
Os ais em logar do incenso:
Vê que com affecto intenso
Minha alma e vida te dou;
Nunca jámais (pois teu sou)
Desprezes a quem te abraça;
Não se diga da Desgraça
«Que no melhor me faltou.»

9

A Razão manda que eu parta,
Amor me quer demorar;
Minha Sorte é quem decide
E me obriga a separar.

GLOSA

A razão, fulgente nume,
Que o vicio torpe intimida,
Baixou dos céos attraída
Pelo som do meu queixume:
Vendo esta alma por costume
De suspirar nunca farta,
Vendo em fim que não coarcta
Marcia a sua tyrannia,
Da presença d'esta impía
«A Razão manda que eu parta.»

Mas Amor, de cuja mão
Té Jove teme o castigo,
Amor, feroz inimigo
Da Virtude, e da Razão:

Com um leve turbilhão
Armado fendendo o ar,
A deusa corre a buscar,
Que a meu lado affavel sente,
E se ella quer que eu me ausente,
«Amor me quer demorar.»

Arma então disputa forte
Uma e outra divindade,
Na Razão brilha a verdade,
Em Amor louco transporte:
Eu, que os vejo d'esta sorte
Sem que um ao outro intimide,
Lhes digo: «Não mais se lide,
Dignae-vos de me seguir;
Se hei de ficar, ou partir,
«Minha Sorte é quem decide.»

Fomos pois da Sorte ao templo,
E mal que os altares beijo,
Os olhos turvos lhe vejo,
Triste o rosto lhe contemplo:
Ella exclama: «Infausto exemplo
De quantos sabem amar,
Faze o que a Razão mandar.»
Disse; e a pezar da porfia
De Amor, a Razão me guia,
«E me obriga a separar.»

10

Basta, pensamento, basta;
Deixa-me em fim descançar;
Um bem, que ser meu não pode,
É um tormento lembrar.

GLOSA

Desvelado pensamento,
Que a minha mágoa requintas,
Quando em illusões me pintas
Suave contentamento:
Se um dever duro, e violento
Do bem, que adoro, me affasta,
Se barbara lei contrasta
Os desejos da paixão,
De enganar-se o coração
«Basta, pensamento, basta.»

Nize em braços de um tyranno
Mesmo a seu pezar suspira;
Em quanto geme, e delira
Longe d'ella o triste Elmano:

O meu rival gosa ufano
A dita mais singular;
E se a dor de o invejar
Tu me excitas, pensamento,
Em profundo esquecimento
«Deixa-me em fim descançar.»

Bem, que se não gosa, ancêa;
Não me apresentes, memoria,
A perda da minha gloria
Na imagem da gloria alhêa:
Nize arrasta uma cadêa
Que só a morte sacode,
E por isso não me acode,
Nem me paga a sympathia
Um bem, que ser meu devia,
«Um bem, que ser meu não pode.»

Pensamento namorado,
Não promovas minha pena;
Ceda-se ao que o fado ordena,
Que ninguem resiste ao fado:
Alto prazer suspirado,
Que se não pode alcançar,
Porque em se não desfructar
Deixa em fim de ser prazer,
É uma dita esquecer,
«É um tormento lembrar.»

11

Do meu Myrtilo a saudade

(Decimas improvisadas por occasião do fallecimento do Senhor Dr. Manuel Bernardo de Sousa Mello)

Não chores, coração meu,
A mágoa, que te assaltou;
A immensidade ganhou,
E o quasi nada perdeu:
O que é de um numen é seu,
Inda a par da divindade
No cume da eternidade
Bebe a luz do paraiso;
Mortaes, converta-se em riso
«Do meu Myrtilo a saudade.»

O Lethes, rio fatal
De margens seccas e nuas,
Confunde nas aguas suas
Memorias do bem, do mal:

Eu, ainda que mortal,
Não pago á fatal deidade
O feudo da humanidade;
Bem que, oh Sorte, o não promettes,
Levarei além do Lethes
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não dou a Myrtilo incensos
Ante seus manes não desço,
Ao chão; porque só off'reço
Tal culto aos numes immensos:
Porém affectos intensos,
Cordeal sinceridade,
Doce pranto á amisade,
Que não tem, nem terá fim,
Estão demonstrando em mim
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Em serras se afôfa o ar,
Estoura a rocha em gemidos,
E estão medrosos ouvidos
Ao longe a titubear:
De nuvens se peja o ar,
Morre a solar claridade,
D'alma terna amenidade
Desbota funerea tinta;
Ah! Justo céo! Tudo pinta
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não só c'os tempos modernos
Meu louvor affouto egualo;
Com Grecia, com Roma fallo,
Fallo com céos, com infernos:
Meus elogios eternos
Lanço pela immensidade;
Entro n'uma, e n'outra edade,
Por varios seculos entro,
E em todos elles concentro
«Do meu Myrtilo a saudade.»

12

Terno amor, doce amisade.

(Ao mesmo assumpto)

GLOSA

Desde que o mundo é composto,
Os seus refrigerios são
Dous bens, que no peito estão,
E que apparecem no rosto:
São dous principios de gosto,
Precisos á humanidade,
Ambos attráem a vontade
Com seus mimos feiticeiros;
Ah! Sede meus companheiros,
«Terno amor, doce amisade.»

Jove, immenso creador,
Para os mortaes se sorriu,
Eis que das mãos lhe caíu
No mundo amisade, e amor:

Soltando o alto clamor
De que treme a eternidade,
Disse á triste humanidade:
«Attento a vossos queixumes,
Ahi vos mando dous numes,
«Terno amor, doce amisade.»

Amei o sexo mimoso,
Amei o sexo constante,
Fui amigo, e fui amante,
E nunca fui venturoso:
Nunca vi peito extremoso
Ornado de lealdade;
Achei sempre a falsidade
N'elles, e n'ellas; e assim
Não nascestes para mim,
«Terno amor, doce amisade.»

O bom Myrtilo morreu,
Morreu com elle aureo estylo,
E Lilia a par de Myrtilo
Á fria terra desceu:
O mundo nos dous perdeu
Bens de summa qualidade,
Ficou pobre a humanidade,
Esvaíram-se os affectos,
E já não tendes objectos,
«Terno amor, doce amisade.»

13

Meigos sorrisos de amor.

GLOSA

A minha imaginação
Escura sempre, e funesta,
Males sobre males me empresta
Ao misero coração:
As amarguras estão
Com o dente roedor
Cercando esta alma de horror;
Eu morro, acabo infeliz,
Se acaso não me acudís,
«Meigos sorrisos de amor.»

Lilia, mais bella que as flores,
Mais bella que o paraiso,
Depois de dar-me um sorriso
Me deu mil encantadores:

*

De delicias percursores,
Ternos mimos inda em flor
Me fizeram sabedor
De arcanos; já, já conheço,
Já, já sei que não têm preço
«Meigos sorrisos de amor.»

Habíto ameno desvio
Da gente, e vicios tambem;
Este logar flores tem,
Tem um valle, e tem um rio:
Verde arvoredo sombrio
Aqui mostra o fructo, a flor;
Que logar encantador!
Que logar, que vale tanto!
Só me faltaes n'este encanto,
«Meigos sorrisos de amor.»

Tempestades esbravejam,
Fuzilam nuvens medonhas,
E as esperanças tardonhas
Já dentro do peito arquejam:
Subir aos astros forcejam
Mil sombras de negra cor;
Ah! N'este mal, n'este horror,
N'este assanhado Oceano,
Sêde Santelmos d'Elmano,
«Meigos sorrisos de amor.»

Cypria, abrindo os tenues ares,
Das Graças a mãe formosa,
Desce na concha lustrosa
Á superficie dos mares:
Lá se encolhem os pezares,
Lá se vai sumindo a dor;
O desespêro, o pavor
A seus lindos olhos cedem:
Lá vem Venus, e a precedem
«Meigos sorrisos de amor.»

14

Quem póde deixar de amar?

GLOSA

Amor, doce flamma acceza
Nos céos, pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move,
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza,
Se o vem leôa amimar;
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadador;
O mundo todo é amor;
«Quem póde deixar de amar?»

Lilia, se vê genios duros,
A atacal-os se resolve,
E co'um ar magico volve
A elles os olhos puros:

Eis que vê suberbos muros
Sobre a terra baquear;
Lilia depois de ganhar
Immensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta:
«Quem póde deixar de amar?»

Perguntei á Natureza
No seu alcaçar sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza?
Ella, que meus cultos préza,
E me franquêa o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exhalando um ai ancioso:
«Ah! É o mais criminoso
«Quem póde deixar de amar.»

Mandou o supremo auctor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da terrea machina Amor:
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar;
Quem a Amor pretende obstar
Transgride uma lei divina;
E o fim do mundo machína
«Quem póde deixar de amar.»

15

O painel da Natureza.

(Improvisada na occasião de um eclypse da lua)

GLOSA

Minha sorte foi brilhante,
Minha sorte é hoje triste,
N'estas mudanças consiste
A sorte de todo o amante:
Sumiu-se a lua radiante,
Que estava em fulgor acceza;
Minha dor, minha tristeza
Com mil reflexões misturo,
Vendo ora claro, ora escuro
«O painel da Natureza.»

O Olympo assustando a terra,
Dando-lhe mortaes desmaios,
Raios em cima de raios
Das entranhas desencerra:

Os elementos em guerra
Blasonam mutua braveza;
N'este horror, n'esta graveza,
Que não cede, não se acalma,
É o quadro da minha alma
«O painel da Natureza.»

16

A mulher é bem, e mal.

GLOSA

De varia côr se tingiu
Fado, que póde o que quer,
E unido á recem-mulher,
A varia côr lhe imprimiu:
Subito o mundo luziu
C'o objecto divinal,
E sobre a estancia fatal,
Sobre o triste globo errado,
Segundo o matiz do Fado,
«A mulher é bem, e mal.»

Não haja no mundo alguem,
Que com um, ou outro affecto,
Chame á mulher mal completo,
Ou chame completo bem:

Nada d'isto lhe convém;
Por um systema formal
Como em tudo é desigual
Causa gostos, e dá ancias,
E em diversas circumstancias
« A mulher é bem, e mal. »

17

Mortal, que teus mimos gosa,
Disputa co'a divindade.

GLOSA

Alta influencia amorosa,
Milagroso e doce lume,
Ah! Tu convertes em nume
«Mortal, que teus mimos gosa:»
Mal que a alma sequiosa
Embebes na eternidade,
Mal que prova a immensidade
De almo, indizivel prazer,
Faz o que deve fazer,
«Disputa co'a divindade.»

Quantas fragrancias a rosa
Entre os Favonios aspira,
Tantos perfumes respira
«Mortal, que teus mimos gosa:»

Sobe á esphera venturosa
Onde tudo é claridade,
Muda ali de qualidade,
Todo o céo em si reune,
E não farto de ser nume
«Disputa co'a divindade.»

Sei que á morte pavorosa
Tambem feudo eu pago, eu dou;
Mas tambem, Marilia, eu sou
«Mortal, que teus mimos gosa:»
É mais que todas honrosa,
Sublime esta dignidade,
Não pareça atrocidade,
Sacrilego atrevimento,
Se um, como eu, no pensamento
«Disputa co'a divindade.»

Ouve, Marilia formosa,
Composto de riso e neve,
Quanto ao mesmo Fado deve
«Mortal, que teus mimos gosa:»
Disse-me a voz estrondosa,
Que perpassa a eternidade:
«Tu, que estás na humanidade,
Como és de Marilia amado,
Vae, vae ser orgão do Fado,
«Disputa co'a divindade.»

Quanto (oh céos!) é milagrosa
Paixão, que adorar se deve,
E a quanto, oh Lilia, se attreve
«Mortal, que teus mimos gosa!»
Sonha a paixão amorosa
Que se despe a humanidade;
Jove deve ter piedade
Se commette doce engano,
Se audaz pensamento humano
«Disputa co'a divindade.»

18

Analia não é perjura,
Analia cede a seu fado.

GLOSA

Julguei deshumana, e dura
Minha amada, e sinto horror
Depois que me disse Amor:
«Analia não é perjura:»
Se o poder da desventura
Seu ardor tem subjugado,
E se um vinculo sagrado
A liberdade lhe prostra,
Quando em si crenças lhe mostra
«Analia cede a seu fado.»

Foi altar a sepultura,
Disse-me:—«Juro por esta
Medonha estancia funesta,
«Analia não é perjura:»

Inda Analia em cinza escura
Sentirá o ardor sagrado;
Ali será requintado
O extremo da sua ardencia
Inda que aqui na apparencia
«Analia cede a seu fado.»

19

Analia terna, e constante.

GLOSA

No triste imperio da Morte
Vagueei já turvo dia;
Eis que em minha alma sentia
Um desusado transporte:
Tu, que reges minha sorte,
Que sempre me está diante,
Oh! Feliz o teu amante
Quando baixar ao jazigo,
Se repousares commigo,
«Analia terna, e constante!»

Consta o bem da humanidade
Em objectos mui diff'rentes;
Alguns existem nas mentes,
Outros vivem na verdade:

Estes que tem dignidade
Dá-os sciencia brilhante,
Outros um gráo triumphante,
Palma, louvor, gloria, louro;
Mas inda é maior thesouro,
«Analia terna, e constante.»

Entre os teus mimos, e a vida
Não acho nenhum espaço;
Desate-se aquelle laço
Se esta prisão for partida;
A minha alma sempre erguida
N'uma idéa relevante,
Não imita indigno amante,
Que aspira a tenue prazer;
Ou possuir-te, ou morrer,
«Analia terna, e constante.»

Iremos ambos unidos
Onde nossas almas voam,
Ou onde os prazeres soam,
Ou onde soam gemidos:
Ambos serêmos punidos,
Feliz um, e outro amante,
Soará no céo brilhante,
Soará no escuro inferno,
Josino constante, e terno,
«Analia terna, e constante.»

A natureza corrupta
É objecto ante quem tremo;
Nem padece mal supremo,
Nem bem supremo desfructa;
Ora o vicio amado enluta
Esta machina ambulante,
Ora a virtude anda errante,
Entre temor, e incerteza;
Ah! Corrige a natureza,
«Analia terna, e constante.»

20

Dos lusos a gloria herdada.

GLOSA

Nasci no tempo ferrenho,
E apenas razão me move,
Grito aos céos, exclamo a Jove,
«Oh Jove! Em que tempos venho!
Um despenho, outro despenho
Me apresenta a sorte irada;
Minha essencia collocada
Está no ponto mais baixo;
Já não vejo, já não acho
«Dos lusos a gloria herdada.»

As nossas armas brilharam
Pondo ao universo espanto,
E as letras poderam tanto,
Que as armas mesmo eclypsaram:

Os nossos timbres voaram
Pela massa organisada;
E o gran monstro, que inda brada
Lá no promontorio seu,
Fero Adamastor, temeu
«Dos lusos a gloria herdada.»

21

És gloria da Natureza.

GLOSA

Jove, o soberano Jove,
Ante quem tudo é pequeno,
Esse, que co'um leve aceno
O mundo, e as estrellas move:
Esse, que ora os raios chove,
Ora anima a redondeza,
Pasma na tua belleza:
Por cem raras qualidades,
És iman das divindades,
«És gloria da Natureza.»

Tu não tens um só momento
Em que dês o galardão
Ao que vale o coração,
Ao que vale o pensamento:

Não achas merecimento
N'um ai, ou n'uma fineza,
És exemplo da dureza,
Modelo de um peito ingrato,
E inda em tal desacato
«És gloria da Natureza.»

22

Deliro entre susto, e dor.

GLOSA

De que aproveita a razão
No estado em que me diviso?
Ai de mim! Que é o juizo?
Flagello do coração:
Não, não póde a reflexão
Repellir o activo amor;
Contra elle não tem vigor,
O seu esforço é baldado,
Não por fraqueza, por fado
«Deliro entre susto, e dor.»

São todos os meus instantes
Instantes de atra agonia;
Para mim a noute, e o dia
São tristes, são similhantes;

Venço todos os amantes
Nos extremos, no temor
Os mais alenta o favor,
A mim não me dá descanço;
E quando mimos alcanço
«Deliro entre susto, e dor.»

23

Dobra o joelho a Razão.

GLOSA

Um Deus é supremo auctor
Do globo, do céo, e lua,
E a Razão, ministra sua,
Tem parte em seu resplendor:
Porém quando o encantador
Principio d'aurea prisão,
Que cinge o meu coração,
Presenta os encantos seus,
No Olympo estremece um Deus,
«Dobra o joelho a Razão.»

Em quanto da formosura
O encanto se não observa,
Livre a Razão se conserva,
Tranquilla, serena, e pura:

Mas quando o céo se affigura
Em humana perfeição;
Quando se forja o grilhão
Tão funesto á liberdade,
Inda sendo divindade,
«Dobra o joelho a Razão.»

24

Os erros da educação
Extraem de amor delictos.

GLOSA

Estes, Marilia, estes são
Os males que o céo nos fez;
São os erros em que crês
«Os erros da educação:»
Por mais que o meu coração,
E o teu desatem mil gritos,
Os hypocritas maldictos,
Os que têm tartarea voz,
(Ai!) armados contra nós
«Extraem de amor delictos.»

Sobre a humana geração
Têm suprema auctoridade,
Contra as tuas leis, Verdade,
«Os erros da educação:»

Some-se a luz da razão
Em preceitos infinitos;
De mortaes negros peritos
Dura voz o amor condemna,
Extraem fel d'assucena,
«Extraem de amor delictos.»

25

Em amor não soffre eguaes
Paulino, exemplo de amor.

GLOSA

Os meus extremos são taes,
Que levam a tudo a palma;
Original a minha alma
«Em amor não soffre eguaes:»
Peço aos sensiveis mortaes
Mais justiça que favor:
Em sentido extremo horror
N'um epitaphio a verdade
Inculque á posteridade
«Paulino, exemplo de amor.»

No orgulho abafando os ais
Clamei ao genero humano:—
Entre vós sómente Elmano
«Em amor não soffre eguaes:»

Eis que o numen dos mortaes
Indisputavel senhor,
Me diz com agro clamor:
«Enfunado amante, escuta,
Vê que a gloria te disputa
«Paulino, exemplo de amor.»

26

Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.

GLOSA

Peço aos céos alto favor
Que toca ao supremo excesso;
Eternidades não peço,
«Um só momento de amor:
Este deus, este senhor
Da vida, do tempo, e fado,
Este numen transformado
No ente, que chamam mulher,
Pode tudo quanto quer,
«Faz feliz um desgraçado.»

Movido da minha dor
O auctor dos males, e bens,
Disse-me um dia: «Aqui tens
«Um só momento de amor:»

Não julgues pouco valor
No donativo sagrado;
Em sendo a Lilia annexado,
Por gloria de um terno amante,
De amor o minimo instante
«Faz feliz um desgraçado.»

27

Elmano foi mais que um deus;
Hoje é misero mortal.

GLOSA

Quando entre os carinhos teus
Gosou dos bens a excellencia,
Elmano despiu a essencia,
« Elmano foi mais que um deus: »
Entranhou-se pelos céos,
Foi ao cume divinal,
A Jupiter viu-se egual,
Fallou-lhe a felicidade;
Volveu á humanidade,
« Hoje é misero mortal. »

Desenganae-vos, athêos,
Vêde a vossa insipiencia,
Eu vos mostro a omnipotencia,
« Elmano foi mais que um deus: »

Eia, acreditae os céos,
Crêde no bem divinal;
Mas oh pranto! Oh dor! Oh mal!
Tornae á incredulidade,
Porque quem foi divindade
«Hoje é misero mortal.»

---

*

28

Lilia geme, Lilia chora.

GLOSA

De Lilia o doce amador,
O seu objecto querido,
Jaz (oh Fados!) jaz sumido
No abysmo do eterno horror:
Com seus frecheiros Amor
O triste caso deplora;
E qual em nuvens a Aurora
Fecha o rosto divinal;
Sobre a campa funeral
«Lilia geme, Lilia chora.»

Nasceu Lilia; a Natureza
Soltou por tudo alegria;
Cresceu Lilia; eis veiu um dia
Em que tudo foi tristeza:

A face da redondeza
Eis vasto incendio devora,
E soando a toda a hora
Ais, queixumes, gritos, prantos,
Sentida de seus encantos
«Lilia geme, Lilia chora.»

29

Depois de te haver creado
A Natureza pasmou.

GLOSA

A mãe, que em berço dourado
Pôz teu corpo cristalino,
É sup'rior ao Destino,
«Depois de te haver creado:»
Quando Amor, o nume alado,
Tua infancia acalentou,
Quando os teus dias fadou,
Minha Lilia, minha amada,
A mãe ficou encantada,
«A Natureza pasmou.»

Deve dar breve cuidado,
Motivar grande attenção,
A um Deus a creação,
«Depois de te haver creado:»

Deve de ser refinado
O engenho, que elle mostrar
Desde o ponto em que crear;
Cuide n'isto a omnipotencia,
Porque ao ver a sua essencia
«A Natureza pasmou.»

Ao mesmo céo não é dado
(Bem que tanto poder gosa)
Crear cousa tão formosa
«Depois de te haver creado:»
N'aquelle instante dourado,
Em que teus dotes formou,
Apenas os completou,
Arengando-lhe o Destino;
Em um extasi divino
«A Natureza pasmou.»

O céo nos tem outorgado
Quanto outorgar-nos podia;
O céo que mais nos daria
«Depois de te haver creado?»
Nympha, das Graças traslado,
Nympha, de que escravo sou,
Jove em ti se enfeitiçou,
Cheio d'espanto, e de gosto,
E absorta no teu composto
«A Natureza pasmou.»

O teu rosto é adornado
Dos prodigios da belleza;
Foi um deus a Natureza
«Depois de te haver creado:»
Poz em teu rosto adoçado
O que nunca o céo formou;
Ella a Jove envergonhou
N'esse deleitoso espanto,
E de ter subido a tanto
«A Natureza pasmou.»

Todo o concilio sagrado
Do almo Olympo brilhador,
Subiu a gráo superior
«Depois de te haver creado:»
Da meiga Venus ao lado
O teu ente a nós baixou;
Ente, que Jove apurou,
Ente de todos diverso,
Assombrou-se o universo,
«A Natureza pasmou.»

30

Quem vê de Analia o semblante
Julga ver a mãe de Amor.

GLOSA

Fica cego, e delirante,
Veneno em nectar destilla,
Abraza-se, e se anniquilla
«Quem vê de Analia o semblante:»
Ella surge triumphante
Sobre as plumas do louvor,
E d'esse mesmo fulgor
D'onde os corações conquista,
Quem de cá debaixo a avista
«Julga ver a mãe de Amor.»

A Primavera brilhante
Vem ver a origem da vida,
Vê toda a terra florída
«Quem vê de Analia o semblante:»

Mas inda não é bastante
Este applauso, este louvor;
Quem seu gésto encantador
Olha, de graças portento,
N'aquelle ethereo momento
«Julga ver a mãe de Amor.»

Duro nó, nó diamante,
Que horrivel jugo nos traz,
Impetuoso desfaz
«Quem vê de Analia o semblante:»
Embora a virtude cante
Por triumpho extincto ardor,
Que em attentando o amador
N'um rosto mais que as leis forte,
Esquece-se da consorte,
«Julga ver a mãe de Amor.»

31

As settas, que Amor dispara,
Se as tu não tocas, são nada.

GLOSA

Branda maravilha rara,
Do orbe, cujo imperio gosas,
Tu fazes mais poderosas
«As settas, que Amor dispara:
Elle, que os deuses encara
Na estellifera morada,
Pende de ti, minha amada,
Em seu poder, sem escudo;
E as settas, que vencem tudo,
«Se as tu não tocas, são nada.»

32

Amor em Baccho se accende.

GLOSA

Salvè, divino liquor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pcis Baccho é parte de Amor:
Unido de ambos o ardor
Das angustias nos defende:
Quanto as ancêa, as offende,
Minha alma de si derrama;
Baccho em o amor se inflamma,
«Amor em Baccho se accende.»

33

Mimos, carinhos, finezas
Reuniu em ti Amor.

GLOSA

Maravilhas e extranhezas
Te deram as Graças bellas,
E vincularam com ellas
«Mimos, carinhos, finezas:
Eis, eis mil chammas accêzas
Em um, em outro amador;
Não, não cabem no louvor
Oh Lilia, os encantos teus:
Quanto em si reune um deus
«Reuniu em ti Amor.»

34

Quem meus extremos condemna
Não offende o meu amor.

GLOSA

Não é da massa terrena,
Não pertence á redondeza,
Mãe não chama á Natureza
«Quem meus extremos condemna:»
Da nympha, que excede Helena
De Páris e Troya ardor,
Não reconhece o valor,
A graça, o mimo, o regalo;
Quem não pode avalial-o
«Não offende o meu amor.»

35

Da terra caí no chão

GLOSA

Andei por mar, e por terra,
Pela India, e pela China,
Aturei fome canina,
Com que muita gente berra:
Supportei de Amor a guerra,
Tive uma certa paixão,
E outros males, que são
Proprios de quem sabe amar;
Só me faltava glosar:
«Da terra caí no chão!»

36

A minha antiga alegria
Bateu as azas, vôou.

GLOSA

Das vêas o sangue esfria,
O coração não descança,
Apenas trago á lembrança
«A minha antiga alegria:»
De mil glorias algum dia
Meu pensamento adornou;
Mas quando mais me encantou,
Quando a julguei mais segura,
Qual relampago a ventura
«Bateu as azas, vôou.»

37

A gloria d'este animal.

GLOSA

Deuses, que lá n'essa altura,
Que lá n'essa immensidade
Onde tudo é claridade,
Onde tudo é formosura,
Gosaes suprema ventura,
A eternidade egual;
Quando a vista divinal
Vós lançaes ao mundo tosco,
Vereis hombrêa comvosco
«A gloria d'este animal.»

38

Amor depende de nós.

GLOSA

Amor tem summa grandeza,
Gosa innumero tropheo,
Tanto brinca com o céo,
Como co'a vil redondeza:
A deidade, e a natureza
Jámais a elle se oppoz;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado;
Mas para ser adorado
«Amor depende de nós.»

39

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver.

GLOSA

Depois que a desgraça tive
De perder a bella Armia,
Fiquei qual estatua fria,
«Como vive quem não vive:»
O céo da vida me prive,
O meu desejo é morrer;
Que se não pode soffrer
Da vida nem um instante,
Quando não vive um amante
«Com quem deseja viver.»

---

*

40

Os duros grilhões de Amor.

GLOSA

Vejo-te a face mimosa,
Porque a tanto Amor se attreve,
Vejo sorrir d'entre a neve
Uma rosa, e outra rosa:
Vejo-te a mão preciosa,
Que tem dos jasmins a côr;
Vejo-te o rosto inda em flor,
Que é iman do meu desejo,
E adoro, idolatro, beijo
«Os duros grilhões de Amor.»

41

Terá fim, mas não sei quando.

GLOSA

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema lucta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno, e brando:
Dos discipulos ao bando
Disse: «Eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo,
«Terá fim, mas não sei quando.»

42

A natureza premêa
Quem as suas leis adora.

GLOSA

Quanto o fanatismo odêa
Co'a voz, que altéra, e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,
«A Natureza premêa:»
Não quer alma fôfa, e cheia
D'uma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga,
Acarinha, ameiga, afaga
«Quem as suas leis adora.»

43

Em amor não ha limite,
Todos fogem á razão.

GLOSA

Queres, Marilia, que evite
De amor o mui louco excesso?
Marilia, perdão te peço;
«Em amor não ha limite:»
Por mais que a razão me dicte
Sisuda moderação,
Vae sempre avante a paixão,
Buscando seu doce fim;
Os amantes são assim;
«Todos fogem á razão.»

44

De quanto é capaz Amor!

GLOSA

Lilia, sabe em theoria,
Para que discreta falles,
Quantos bens, e quantos males
Amor sobre a terra envia:
Conhece que a sympathia
É o principio motor
Do gosto, e do dissabor;
Mas, nympha d'alta excellencia,
Não saibas por experiencia
«De quanto é capaz Amor!»

45

Se Elmano geme de amor,
A sorte de Analia o manda.

GLOSA

Não é falta de favor,
Não penuria de caricias,
Não carencia de delicias,
«Se Elmano geme de amor:»
Elle já teve o penhor
Que os males todos abranda;
Venceu a inveja nefanda,
N'um bem, que não cede á morte,
E se chora a sua sorte
«A sorte de Analia o manda.»

46

A vida de um desgraçado
É peor do que morrer.

GLOSA

Carrancudo, horrivel Fado,
Numen feroz, iracundo,
De que te serve no mundo
«A vida de um desgraçado?»
É á morte comparado
O meu infausto viver;
Mas eis me sinto tremer,
Eis ouço voz desabrida,
Que diz—«Mentes, essa vida
«É peor do que morrer.»

47

Amor a amar nos convida,

GLOSA

Com dura, e branda cadêa,
Com facho activo, e suave,
De seus mysterios co'a chave
Amor entre nós voltêa:
Já deprime, já glorêa,
Já dá morte, já dá vida;
E n'esta incessante lida,
Que em si traz, que em si contêm,
Com o mal, e com o bem
«Amor a amar nos convida.»

48

Flagellam-me agros ciumes,
Tyrannos zelos me matam.

GLOSA

Todo sou dor, sou queixumes,
Ao que soffro não resisto,
Venenosa origem d'isto
«Flagellam-me agros ciumes:»
Da razão activos lumes
Elles soffocam, e empatam;
Os fios vitaes desatam;
Na essencia de infausto amante
Cheguei ao ultimo instante;
«Tyrannos zelos me matam.»

49

Caiam sobre mim os raios,
Se eu deixar de ser amante.

GLOSA

Venham ancias, e desmaios,
Quantos tem a Morte fera,
Rebenta a azulada esphera,
«Caiam sobre mim os raios:»
Faça Jove, faça ensaios
Do seu poder fulminante,
Cáia o fogo crepitante,
Que vem dos pólos eternos,
Converta-me nos infernos
«Se eu deixar de ser amante.»

50

Elmano por ti amado
Não teme o rigor da Sorte.

GLOSA

Se foi dos homens cantado,
Se teve louvor outr'hora,
Como ha de ficar agora
«Elmano por ti amado!»
Irá ter à um gráo sagrado
Accezo em almo transporte;
Não será subjeito á morte
Seu coração, seu talento;
E firme em tal pensamento
«Não teme o rigor da Sorte.»

51

Aonio, Jonio, e Elmano
São de Amor adoradores.

GLOSA

O fado, o Fado tyranno
Quiz feroz, quiz violento
Arrojar no esquecimento
«Aonio, Jonio, e Elmano:»
Eis o austero Desengano
Chefe dos deuses melhores,
Lhe diz: «São vãos teus furores,
Não lhe anniquillas a essencia,
Têm contra ti resistencia,
«São de Amor adoradores.»

52

Eu vi nos braços da Aurora
O sol tremendo com frio.

GLOSA

Se isto vae de foz em fora,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
«Eu vi nos braços da Aurora:»
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio,
Ver os effeitos do cio,
Cantar modas um macaco,
A lua a tomar tabaco,
«O sol tremendo com frio!»

53

Almas, vidas, pensamentos.

GLOSA

Calções, polainas, sapatos,
Persovejos, pulgas, piolhos,
Azeites, vinagres, môlhos,
Tigelas, pires, e pratos:
Cadellas, galgos, e gatos,
Pauladas, dores, tormentos,
Burros, cavallos, jumentos,
Naus, navios, caravellas,
Corações, tripas, moellas,
«Almas, vidas, pensamentos!»

54

A negra furia Ciume.

GLOSAS

Morre a luz, abafa os ares
Horrendo, espesso negrume,
Apenas surge do Averno
«A negra furia Ciume.»
Sobre um solio côr da noute
Jaz dos infernos o nume,
E a seus pés tragando brazas
«A negra furia Ciume.»
Crespas viboras pentêa,
Dos olhos dardeja lume,
Respira veneno, e peste
«A negra furia Ciume.»
Arrancando á Morte a fouce
De buido, hervado gume,
Vem retalhar corações
«A negra furia Ciume.»

Ao cruel socio de Amor
Escapar ninguem presume,
Porque a tudo as garras lança
«A negra furia Ciume.»
Todos os males do inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrivel dos monstros,
«A negra furia Ciume.»
Amor inda é mais suave
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças
«A negra furia Ciume.»
Nas azas de Amor voâmos
Do prazer ao aureo cume,
Porém de lá nos arroja
«A negra furia Ciume.»
Do ferreo calix da morte
Próva o funesto azedume
Aquelle a quem ferve n'alma
«A negra furia Ciume.»
Do escuro seio dos fados
Saltam males em cardume:
O peor é o que eu soffro,
«A negra furia Ciume.»
Dos immutaveis destinos
Se lê no idoso volume
Quantos estragos tem feito
«A negra furia Ciume.»

*

Amor inda brilha menos
Do que subtil vagalume,
Por entre as sombras, que espalha
«A negra furia Ciume.»

55

A minha Lilia morreu.

GLOSAS

Assim como as flores vivem
A minha Lilia viveu;
Assim como as flores morrem
«A minha Lilia morreu.»
Assomando o negro dia,
Ave sinistra gemeu;
Cumpriu-se o funesto agouro:
«A minha Lilia morreu.»
Desfallece, oh Natureza,
Accelera o fado teu;
Esta voz te guie ao nada:
«A minha Lilia morreu.»
Fadou-me o caso medonho
Vate, que nos astros leu;
Os vates são como os numes:
«A minha Lilia morreu.»

Que é do sol? Que é do universo?
Tudo desappareceu;
Foi-se toda a Natureza:
«A minha Lilia morreu.»
A minha ventura, e Lilia
N'um só laço Amor prendeu:
Morreu a minha ventura,
«A minha Lilia morreu.»
Em parte da minha essencia
Minha essencia pereceu;
Não vivo senão metade:
«A minha Lilia morreu.»
Oh quanto ganhava o mundo!
Oh quanto o mundo perdeu!
Doce lucro, e triste perda!
«A minha Lilia morreu.»
Para exultar o universo
A minha Lilia nasceu;
Para os numes exultarem
«A minha Lilia morreu.»
Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
«A minha Lilia morreu.»
As estrellas se apagáram,
A Natureza tremeu,
Os promontorios gemeram,
«A minha Lilia morreu.»

Disse, ao ver sereno effluvio,
Que o puro Olympo correu:
Aquella é a alma de Lilia,
«A minha Lilia morreu.»

56

Um coração como o meu.

GLOSAS

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que é seu,
Mas não tem n'esse thesouro
«Um coração como o meu.
Déste, Amor, á minha amada
Um semblante como o teu:
Amor, porque lhe não déste
«Um coração como o meu?»

57

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sacrifiquei á belleza
Meus dias, e meus cuidados;
Esperava em recompensa
«Instantes afortunados.»
Olhos da branda Marilia,
Olhos no céo fabricados,
Minha fé vos merecia
«Instantes afortunados.»
Mas com meus duros destinos
Impiamente conjurados,
Negaes á minha ternura
«Instantes afortunados.»
Ai de mim! Vós me pozestes
Na lista dos desgraçados,
Esquivando a meus suspiros
«Instantes afortunados.»

Uma vez compadecidos
Porque não soltam meus fados
D'entre as cadêas do tempo
«Instantes afortunados?»
Não têm ditosos momentos
Os amantes estremados;
São para os amantes frouxos
«Instantes afortunados.»
Os prazeres sobre a terra
Estão de angustias cercados;
Só no Olympo se desfructam
«Instantes afortunados.»
Alma, voêmos da terra
Para os orbes estrellados,
Gosem-se na eternidade
«Instantes afortunados.»
A vida é uma procella
Onde trovejam cuidados;
São relampagos da vida
«Instantes afortunados.»
N'estes mares da existencia
Continuamente empolados,
São momentaneos Santelmos
«Instantes afortunados.»
Da belleza pende o gosto,
Mais poderosa que os fados;
Concede á mesma desgraça
«Instantes afortunados.»

Ha momentos infinitos
Pela desgraça enlutados;
Escaçamente reluzem
«Instantes afortunados.»
Sceptros, vós não daes venturas,
Sois temidos, venerados;
Mas quanto de vós se alongam
«Instantes afortunados!»
Ouço a voz do desengano,
Ouço da verdade os brados:
Não são partilhas do mundo
«Instantes afortunados.»
Mortaes, ide á natureza,
Fugi dos tectos dourados;
Demandae nos livres campos
«Instantes afortunados.»
Ali o rapido tempo
Sobre peitos não manchados
Sacóde das azas de ouro
«Instantes afortunados.»
Ali prazeres celestes
Sobre a terra são gostados;
Convertem-se em natureza
«Instantes afortunados.»
Á peste geral do mundo
Estão sumidos, vedados,
Nos corações innocentes
«Instantes afortunados.»

A morte negros momentos
Traz á mente dos malvados;
Dos justos conduz á mente
«Instantes afortunados.»
Vivei vós, que em vãos prazeres
Andaes na terra enlodados;
Que eu busco em globo sublime
«Instantes afortunados.»
Face a face enrosto os numes,
Revolvo arcanos dos fados;
Ha para os vates sómente
«Instantes afortunados.»
Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na phantasia
«Instantes afortunados.»
Tempo já Marilia bella
Me deu risonhos agrados;
Vinde a mim por ordem sua,
«Instantes afortunados.»
Marilia com mago riso
Me dá momentos dourados;
Ou tenha o tempo, ou não tenha
«Instantes afortunados.»
Momentos do teu desprezo
São momentos agourados,
E os instantes de teus mimos
«Instantes afortunados.»

Tens os thesouros do tempo
Em tens olhos apinhados;
Elle, a teu sabor, desprende
«Instantes afortunados.»
Quando lateja um sorriso
Em teu beiços nacarados,
Chovem c'roados de flores
«Instantes afortunados.»
Se nos teus braços morresse
Seriam por mim chamados
Os instantes da agonia
«Instantes afortunados.»
Quero comtigo os instantes
Mais tristes, mais enlutados;
Com outra, meu bem, não quero
«Instantes afortunados.»
Aprende nos teus favores
Quando dos cofres dourados
Extráe a mão da Ventura
«Instantes afortunados.»
Aquelle, que céos, e terra
Do nada tirou formados,
Foi maior quando creou
«Instantes afortunados.»

58

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da morte,
«Instantes afortunados.»
São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
«Instantes afortunados.»
D'entre os céos com alvas plumas
Lá nos seculos dourados,
Sobre a terra, Amor, trouxeste
«Instantes afortunados.»

Estes instantes volveram
Aos puros, Elysios prados:
Já nem a innocencia gosa
«Instantes afortunados.»
Sinto de sorte á tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cubiço, nem sônho
«Instantes afortunados.»

APÓLOGOS

1

O passarinho preso

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.
«Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo,
Que seja tão desditoso.
«Que é do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre flores?
«Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador!

«Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal?
«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento...
«Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.
«Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardaes,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?
«O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destróe-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor?
«Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submette,
Tyrannos da Natureza.
«Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusaes
Da primazia, que tendes
Entre os outros animaes.

«Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?»
Aqui parou de cançado
O volatil carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.
Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.
Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.
O preso vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.
Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palavras soltou:
«Entendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem peor destino
Aquelle exemplo me diz.

*

«Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer.»

2

O lobo e a ovelha

Uma ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que santo
Este milagre operou.
Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.
Ali a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.
Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta a comadre ovelha
Para a sanguinea funcção.

Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.
Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos, que fazia
A sua eschola brutal,
De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.
Mas um dia em que esfaimado
Saíu com ella caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar.
Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.
Cozeu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.
«Que! (disse o mau lá comsigo)
Não ha soffrimento egual!
Hei de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal!

«A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.
«Tu, virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto, e nada mais.»
N'isto, veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investiu,
E logo dentes, e garras
Nas entranhas lhe sumiu.
Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
«Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?
«Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?»
E elle sofrego responde:
«Tenho fome, a fome é lei.»
D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.
Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por socios,
Em fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo, ou tarde encontreis.

3

O amante e a borboleta

Na solidão da alta noute
Que céos, e terra enlutava,
Lauro em seu curto aposento
Ao somno os olhos negava.
Em meza, d'onde esparzia
Candida vela o clarão,
Apoiava os frouxos braços,
E a turva face na mão.
Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.
De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos numes.

Leve borboleta em tanto
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vaguêa em rapidos giros.
Eil-a de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Dóe-se, mas que evite o damno
Cégo instincto não consente.
Cevando o fatal desejo,
Que á crua morte a conduz,
Vae, e vem, vôa, e revôa
Embellezada na luz.
Susurro, que faz co'as azas,
Quando n'ella a simples cáe,
Os olhos amortecidos
Do terno mancebo attrae.
Olha o triste, e vê o effeito
Da luminosa negaça,
Contempla o crestado insecto,
Que já languido esvoaça.
Dôr de o ver n'aquelle estado
Lhe penetra o coração:
Quem ama, franquêa o peito
Facilmente á compaixão.
«Onde vás, louca teimosa?
(Grita-lhe elle) encolhe as azas,
Torna em ti; não vês, não sentes
Que te destroes, que te abrazas?»

—«E tu com que jus (diz ella)
Me increpas porque me mato?
Ah! Se em teu siso estivesses,
Viras em mim teu retrato.
«Se te expões qual eu me exponho,
Se no mesmo caso estás,
Insano, porque não tomas
O conselho, que me dás?
«Eu, e tu victimas somos
Da mais funesta loucura,
E esquecemos o perigo,
Pasmados na formosura.
«Ardes n'uns olhos, que adoras;
Eu n'esta luz, que contemplo;
Argue-te, ou não me arguas,
Emmudece, ou dá-me exemplo.»
Proficua moralidade
Deve extraír-se d'aqui:
Ninguem reprove nos outros
O que não reprova em si.

4

O corvo e o rouxinol

Vinha apontando a serena
Percursora do aureo sol,
E entoava em selva amena
Um saudoso rouxinol
Maviosa cantilena.
A voz, que aos ares soltava,
Attraía o côro alado,
Que em torno d'elle pousava;
Assim não fosse escutado
De um corvo, que ali morava.
Cego de inveja, e furor,
Detestando a melodia
Do namorado cantor,
Comsigo mesmo dizia
O sinistro, o grasnador:

«Que este animalsinho encante
Tudo, apenas abre a boca,
E que eu affugente, espante
Com voz desabrida, e rouca
Quanto se me põe diante!
«Aos homens no meu pregão
Infaustos annuncios mando
(Diz a vã superstição)
E tenho certa, em grasnando,
Ou pedrada, ou maldicção.
«A raiva em meu peito acceza
Com o que escuto se atiça:
Soffrer vantage é vileza;
Vou-me vingar da injustiça,
Que me faz a Natureza.»
Eis n'isto o bruto agoureiro
Para o rouxinol caminha,
Mostrando-se prazenteiro,
E á delicada avesinha
Diz com modo lisongeiro:
«Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura;
E assim de te ouvir de perto
Quero ter hoje a ventura.
«Não fujas, cantor mimoso,
Não te assustes, continúa.

Como o céo te fez ditoso!
Que linda prenda é a tua!
Que voz! Que dom milagroso!»
  Não tendo astucia, que sonde
O projecto, que o malvado
Nas vis entranhas esconde,
Já da lisonja tentado,
O passarinho responde:
  «Sejas bem vindo, que assás
Afortunado me acclamo
Em ver que attenção me dás;
Pousa aqui sobre este ramo,
E a teu commodo ouvirás.»
  —«Vamos, de novo começa,
Que a teus sons o ouvido applico...»
Torna o corvo, e se arremessa,
E no torto, negro bico
O pobresinho atravessa.
  Elle em tamanha afflicção
Entra a carpir-se da Sorte,
E ao invejoso glotão
Diz, sentindo já da morte
As ancias, a convulsão:
  «Que fiz, que te obrigue a tanto?
Meigos amores suaves
Em doces versos eu canto:
Eu sou a gloria das aves,
Eu sou dos bosques o encanto.»

D'esta arte pediu favor
O melhor dos passarinhos,
Porém foi vão seu clamor,
Que, moendo-lhe os ossinhos,
Assim gagueja o traidor:
«Simples, vaidoso, insensato!
Devias ser mais remisso
Em produzir teu retrato:
Não te defendes com isso,
Que por isso é que eu te mato.»

5

As damas e a borboleta

Batendo as azinhas leves,
Matizadas de mil côres,
Ia veloz borboleta
Libar o succo das flores.
Anhelante, cubiçosa,
Vôou a ameno jardim,
E a flor, que tocou primeiro,
Foi o candido jasmim.
Da bonina côr de neve
Esquivou-se, desdenhosa,
Practicando egual desprezo
Co'a fragrante, idalia rosa.
Sobre insipido, amarello
Malmequer em fim pousou,
E n'elle o vivo appettite
A mitigar começou.

Não longe d'ali jaziam
Duas mimosas donzellas,
Taes que, a serem tres, seriam
De Venus as filhas bellas.
Tendo seguido co'a vista
Os vôos do lindo insecto,
Uma d'ellas para a outra
Disse com iroso aspecto:
« Olha a brutinha! Bem mostra
De razão não ser dotada;
Deixa o jasmim, deixa a rosa,
E do malmequer se agrada! »
Ouviu isto a borboleta,
Fitou-lhe os olhos, e assim
Co'a voz, que teve algum dia,
Perguntou: — « Fallaes de mim?
Suppondes extravagante
A escolha, que tenho feito?
Ah vaidosas! Que não vêdes
Vosso principal defeito!
« Despi, loucas, o amor proprio,
E depois conhecereis
Que fallaes contra vós mesmas
No que contra mim dizeis.
« Quem faz mais errada escolha
Que a mulher? Sendo a melhor
De todas as creaturas,
Sempre se inclina ao peor;

« E só nutre, só conserva
Amor firme, ardente, e liso
Se encontra no objecto d'elle
O nome da flor, que pizo. »

6

O leão vencido pelo homem

(Traduzido de Lafontaine)

Poz-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.
Mirava a gente com gloria
O painel; eis senão quando
Um leão, que ía passando,
Lhe diz: « É falsa a victoria.
« Deveis o triumpho vosso
Á ficção, blasonadores;
Com mais razão fôra nosso,
Se os leões fossem pintores. »

---

*

7

A raposa e as uvas

(Traduzido do mesmo)

Contam, que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu rôxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.
De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: « Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar. »
Eis cáe uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E crendo que era algum bago
Volta depressa o focinho.

8

O corvo e a raposa

(Traduzido do mesmo)

É fama que estava o corvo
Sobre uma arvore pousado,
E que no sofrego bico
Tinha um queijo atravessado.
Pelo faro áquelle sitio
Veiu a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe fallou d'esta maneira:
«Bons dias, meu lindo corvo;
És gloria d'esta espessura:
És outra phenix, se acaso
Tens a voz, como a figura.»
A taes palavras o corvo
Com louca, estranha afouteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e sólta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadenho,
E diz: «Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
Á custa de quem o attende.
«Esta lição vale um queijo,
Tem d'estas para teu uso.»
Rosna então comsigo o corvo
Envergonhado, e confuso:
—«Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me d'ella;
Mas este logro me livra
De cair n'outra esparrella.»

9

A cigarra e a formiga

(Traduzido do mesmo)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.
Não lhe restando migalha,
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.
Rogou-lhe, que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza, e brio,
Algum grão, com que manter-se
Té voltar o accezo estio.
«Amiga (diz a cigarra)
Prometto á fé de animal
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros, e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta:
— «No verão em que lidavas?»
Á pedinte ella pergunta.
Responde a outra: «Eu cantava
Noute e dia, a toda a hora.»
«Oh bravo! (torna a formiga)
Cantavas? Pois dança agora.»

10

A montanha, que pare

(Traduzido do mesmo)

Começou a berrar com dôr de parto
Certa montanha, e fez tamanho estrondo,
Que acudiu muita gente, a qual suppondo
Que d'ali nasceria uma cidade
Maior do que París, eis nasce um rato.
Quando por esta fabula discorro,
E observo que o sentido é verdadeiro,
Logo se me afigura auctor inchado,
Que diz: «Eu cantarei a horrivel guerra,
Com que os filhos da terra
Sacrilega invasão nos céos tentaram,
E a Jove assoberbaram.»
Promette grandes cousas, cousas bellas;
Que produz?—Bagatellas.

11

O leão velho

(Traduzido do mesmo)

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo c'os dentes o maltracta,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas:
Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte,
« Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte. »

12

O leão caçando com o burro

(Traduzido do mesmo)

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
E a d'elle não costuma ser escaça:
Não consiste em pardaes, em bagatellas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques próvido, e discreto,
Para sortir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de bozina.
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquella tropa ainda usada
Ao fragor de asinina trovoada:
No ar o espantoso orneio em fim resôa,
Vaga o terror, e as grutas despovôa:

Tremendo, a turba agreste alonga o passo;
Foge tudo, e fugindo, eis cáe no laço,
Onde os espera a garra penetrante.
«Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada.)
—«Trôas (volta o leão) trôas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava.»
O burro, se podesse, resmungava,
E tinhamos harenga, inda que havia
Motivo para aquella zombaria;
Pois quem ha de soffrer, quieto, e mudo
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
Caracter fanfarrão não lhe compete.

13

O cão e a cadella

Tinha de uma cadella um cão fome canina,
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina:
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
Dando no chichisbéo dentada, e mais dentada
A femea parecia uma cadella honrada,
E incapaz de ceder ás pretenções de amor:
Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
De que a mesma em que via acções tão desabridas
Era co'um torpe cão fagueira ás escondidas.
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
Cadellas de dous pés, que tambem fazem isto.

14

O corvo e o pavão

Passeando o pavão com ufania,
É fama que dissera ao corvo um dia:
«Repara quanto devo á natureza,
Olha que lindas côres, que viveza!
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
Em mim não ha senão; e tu, diabo,
Negro como um carvão, como um bisouro,
Inda és, de mais a mais, ave de agouro!»
O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe responde: — «Essas pennas são mui guapas;
Mas, para refrear teu desvario,
Observa d'essas pernas o feitio.»
Ainda (quem dará credito a isto?)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

15

O cão de fralda e a raposa

N'um dos pés arranhado um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro;
O medico chamou, poz-se de cama,
E a dor encareceu como uma dama;
(Porque n'este melindre, ou n'esta balda,
Uma dama equivale a um cão de fralda.)
Era então a raposa arteira, e fina,
Entre os brutos doctora em medicina.
Entrou n'um passo grave, um ar sisudo,
E em tom de quem dizia:—Eu saro tudo!—
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doía,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalfar com fofa prosa,
Concluiu: «A doença é perigosa;
Mas hei de conseguir a grande empreza
De ajudar, ou vencer a natureza.»
É certo que logrou tão alta sorte,
É certo que a venceu, mas foi co'a morte.

Tendo emplastros, e purgas decretado,
E com mil beberagens misturado
Mil gordos aphorismos de Avicena,
Ou de Averroes, seguiu-se-lhe a gangrena,
Que tornando mortal a arranhadura,
O cãosinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro medico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,
A paga foi pedir aos tristes páes.
Clamaram:—«Inda a terra te não traga!
O filho nos mataste, e queres paga!...»
—Que! (responde a raposa) Ora essa é bella!
E o trabalho, que eu tive, é bagatella?
Dar vida não está na nossa mão;
Tanto nos rende o morto como o são.»

16

O macaco declamando

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.
Creio que seria o thema
Indigno de se tractar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.
Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.
Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
É o que celebram mais.

17

Os dous burros e o mono

Um burro lançado á margem
Ostentava de talentos;
Moía um seu camarada,
Exemplar dos pachorrentos.
Zurrando conceitos graves,
Como quem falla, e não pensa,
Cumpria o rifão do vulgo
—Tal cabeça, tal sentença.—
O trombudo companheiro
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra
Ia ouvindo, ia pastando.
«És bruto! Não me respondes?
(Diz o orelhudo doctor)
«Envergonho-me de sermos
Eguaes na fórma, e na cor.»

Extranhando-lhe a basofia
Um mono dos mais astutos,
Que n'uma arvore trepado
A alliviava dos fructos,
Co'uma gargalhada exclama:
«Não verão quem alardêa!
Burro com fumos de mestre!
Isto é cousa, que se creia!
«Não zombes d'esse coitado,
Faz bem em não responder:
Um tolo só em silencio
É que se póde soffrer.»

18

Os cães domesticos e o cão montanhez

Affirma escriptor antigo
Que lá n'um grande sertão
Tres cães perdidos na caça
Viram sósinho outro cão.
Que este era côr de azeviche,
Aquell'outros côr de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.
Nascêra de lãs forrado
O tal cão, e era montez:
Tinham pello muito fino,
E eram da cidade os tres.
Um d'elles, o mais disposto
A fazer qualquer aggravo,
Disse para o bom camponio:
«Oh amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo affrontoso
Que os ouvidos lhe offendeu,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceu.
Queria lançar-se a elles,
Mas tinha ouvido uma vez:
—Nem Hercules contra dous,
E inda menos contra tres.—
Em fim, co'um ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
«Eu captivo! Porque crime?
Vós senhores! Com que jus?»
O valentão já citado
Dá um pulo, e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente:
«O nosso jus é a força,
O teu delicto é a cor.»
De homens pretos, e homens brancos
Cuido que falla este auctor.

19

O lobo, a raposa e a ovelha

Estando o lobo doente
Sem se poder-arrastar,
E em necessidade urgente
De exercer, de ensanguentar
O rijo, faminto dente:
Ao ver entrar pela gruta
A raposa a visital-o,
Lhe disse: «Ai comadre astuta!
A' mingoa esmoreço, estálo,
A fome commigo lucta.
«Tu conheces a amisade
Com que ha dous annos te trato:
Vale-me por caridade,
Vae buscar por esse matto
Allivio á minha anciedade.»

—«Eu vou cuidar no teu bem»
Responde o falso animal,
E parte; menos porém
Para livral-o do mal,
Que para o fazer a alguem.
De serra em serra caminha,
Até que vê desgarrada
Uma innocente ovelhinha;
«Topar-te (diz a malvada)
Foi teu bem, e é gloria minha.
«Crê que a raposa não manga,
Sou de ingenua condição;
Nenhum vivente me zanga;
Todos amo, á excepção
De gallo, gallinha, ou franga.
«Tanto, amiga, pôde em mim
O dó de expostas vos vêr
Aos crueis lobos, que vim
Felizmente hoje a obter
De vossos males o fim.
«Dos lobos o rei voraz
Quasi em artigos de morte,
Carpiu suas acções más;
E com piedoso transporte
Jurou ás ovelhas paz.
«Fez este promettimento
Por si, e seus adherentes;
Não receies fingimento;

Personagens eminentes
Não fazem vão juramento.
«Agora pede a razão,
Quer da cortezia o termo,
Que venhas sem dilação
Visitar o illustre enfermo
Em signal de gratidão.
«A sua cova não dista
Muito aqui d'este logar,
D'aquelle outeiro se avista:
Toca pois a caminhar,
Vem tu seguindo-me a pista.»
Aquillo, que se deseja,
Quão facil se conjectura!
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando á ventura,
Vai seguindo a malfazeja.
Entram por aquelle horror,
E a conductora ladina
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: «Chegae, menina,
Beijae a pata ao senhor.»
A repugnancia vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E callada extremecendo,
Pouco a pouco se avisinha
Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos scentelhas,
O tyranno lhe afferrou
Dente, e garra entre as orelhas:
D'esta arte se confirmou
A paz dos lobos, e ovelhas.
Ingenuo, tem conta em ti!
No mundo ha muitos enganos,
Eu o sei, porque os soffri:
Os bons padecem mil damnos
Julgando os outros por si.

20

O tigre e a doninha

Pezou sempre o beneficio
Porque a vaidade offendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.
Lembra-me agora uma historia
Succedida entre animaes,
Uma historia, que se applica
Bellamente aos racionaes:
Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e preza,
Crendo que a tudo excedia
No reino da natureza.
D'esta idéa hallucinado
Incauta planta foi pôr
Em perfida rede, armada
Por experto caçador.

Preso, lucta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se,
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.
Estancando-se-lhe as forças,
Perdida em fim a esp'rança,
Céssa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.
Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, experta doninha.
Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar;
Foge, porém curiosa
Põe-se de longe a olhar.
O tigre, que a vê, que sabe
Quanto é versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha ali soccorrer.
Tanto adoça o tom pezado
Da rude, extrondosa voz,
Que segura a desprendel-o
Parte a doninha veloz.
Affinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço;
Roe aqui, roe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha:
E acceza em feroz orgulho,
Carregando-se na fronte
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)
Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extráe....
Ninguem acuda ao malvado,
Se no precipicio cáe.

21

Os dous cães

Tinha dous cães perdigueiros
Certo moço caçador,
Um excellente no faro,
Outro no feitio, e cor.
Aquelle pela esperteza
Do prompto, do agudo olfato
A rola, a perdiz sumida
Desencantava no matto;
E apenas soando o tiro
Caía a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia á mão.
O segundo inerte, e molle,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume, ou arremedo,
Não por genio farejava.

Té as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavam,
E não as tinha sentido.
Mas, sendo incapaz, ao socio
Excedia na ventura,
E o nescio domno prezava
Mais que o prestimo a figura.
Assim succede, leitores,
A um sem-sabor Narciso,
N'uma assembléa com outro
De má cara, e bom juizo
Diz um d'ali: «Este amigo
É de graça e prendas cheio:»
Respondem a isto as damas:
—«Apre lá! Que homem tão feio!»
Diz outro: «Aquelle peralta
Põe mil asneiras n'um dicto:»
Acodem logo as meninas:
—«Que importa, se é tão bonito?»

22

O elephante e o burro

No tempo em que inda fallavam
Os animaes como a gente,
É tradição que tiveram
Conferencia em caso urgente.
O burro, que não sei como
Se introduziu no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.
Eis n'um tom, que diferia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.
Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elephante
Lhe disse, torcendo a tromba:

«Esse tempo, que tens gasto
Inutilmente em clamar,
Insensato, não podias
Aproveital-o em pastar?
«Vens affectar eloquencia,
Animal servil, e abjecto!
Um tolo nunca é mais tolo
Que quando quer ser discreto.»

23

A mona e o filho

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,
Com callos o trazeiro, e sem cabello o rabo,
N'um moninho brincão, que tinha dado ao prelo,
Cegamente empregava o maternal desvelo;
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,
Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.
Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,
Dizia-lhe: «Não, não, deixe-m'o, que o molesta!...»
Se lhe pegava ao collo até o proprio pae,
A mãe gritava logo: «Ai! Não m'o esmagues, ai!...»
E com mimo importuno a rustica entretanto
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço
Anciava, opprimia o filho a cada passo,
E um dia o abraçou com tal contentamento,
Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
Tal (me diz a experiencia) é o zeloso amante;
Por amor importuna, enfada a cada instante;
O que quer para si do mesmo sol recata,
Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

24

O papagaio e a gallinha

Loquaz papagaio
Seccava a goela,
Soltando mil gritos
A uma janella.
Olhou para a rua
Por onde vagava
Gallinha de pôpa
Que depinicava:
Na lingua das aves
Co'um ar superior
Lhe deu estes chascos
O vão palrador:
«Devéras, visinha,
Que pódes campar,
Co'a prenda galante
De cacarejar!

«Deixando ironias,
Sempre és cousa pouca,
Não tens outro chiste
Senão essa touca.
«Depois de defunta
Só causas prazer;
Para te comerem
Te dão de comer.
«Eu em alma, e corpo
Sou ave excellente;
Não pasmas de ouvir-me
Fallar como a gente?»
— «Não pasmo (responde
Dos gallos a amiga)
Villão, carioca,
Mordaz de uma figa.
«Da lingua, que allegas,
Basofia concebes?
Que importa que a falles,
Se não a percebes?
«Com isto te abates
No meu parecer;
Os tolos só dizem
O que ouvem dizer.»

---

*

25

A macaca

Nos serros do Brazil diz certo auctor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
E por não terem aza o rabo lhe arrastavam.
Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco
Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco;
Qual do assucar brilhante a summarenta canna,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho:
A todos promettia o mais fiel carinho,
E se algum lhe rogava especial favor
Á terna petição dizia: «Sim, senhor:»
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavam em jejum.
Leitores, ha mulher tão déstra, e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

26

O leão e o porco

O rei dos animaes, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei porque razão.
Quiz empregal-o bem para tirar-lhe a sorna;
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna).
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pretendentes,
De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,
E a sua occupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,
Soltavam contra elle injuria sobre injuria
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
«Ora o que o berço dá, sómente a cova o tira!»
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
Ficava muito enchuto. Attenção n'isto, oh paes!
Dos filhos para o genio olhae com madureza;
Não ha poder algum, que mude a natureza:
Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

27

Os dous gatos

Dous bichanos se encontraram
Sobre uma trapeira um dia:
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria).
De um d'elles todo o conchego
Era dormir no borralho;
O outro em leito de senhora
Tinha mimoso agasalho.
Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com exquisitos manjares
O segundo se engordava.
Miou, e lambeu-o aquelle
Pelo vêr da sua casta;
Eis que o brutinho orgulhoso
De si com desdem o affasta.

Aguda unha vibrando
Lhe diz: «Gato vil e pobre,
Tens similhante ousadia
Commigo, opulento, e nobre?
«Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganas!
Entendes que me sustento
De espinhas, ou barbatanas?
«Lógro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazéras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.
«Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
Mas para vêr que não minto
Basta-me olhar para ti.»
—«Ui! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar d'extranheza)
És mais que eu? Que distincção
Poz em nós a Natureza?
«Tens mais valor? Eis aqui
A occasião de o provar.»
«Nada (acode o cavalheiro)
Eu não costumo brigar.»
—«Então (torna-lhe enfadado
O nosso villão-ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és sup'rior a mim?

«Tu não mias?» — «Mio.» — «E sentes
Gosto em pilhar algum rato?»
«Sim.»—«E o comes?»—«Oh! Se o como!...»
«Logo não passas de um gato.
«Abate, pòis, esse orgulho,
Intractavel creatura:
Não tens mais nobreza que eu;
O que tens é mais ventura.»

28

O rouxinol, o cuco e o burro

Um cuco e um rouxinol
Tiveram grave disputa
Sobre quem melhor cantava,
Qual tinha voz mais arguta.
Junto das aves o bando,
Todas ellas mui picadas,
Fizeram que se calasse
O basofio com risadas.
Elle, pois, injuriado
«Apostem (diz) ou se calem;
E para se convencerem
Ambos ouçam, logo fallem.»
O partido era prudente,
E conforme á sã razão;
Nenhum outro poderia
Melhor solver a questão.

Um juiz foi necessario
A pró de todos eleito;
Entre os burros vão buscal-o,
Dos burros o mais perfeito.
Obteve o cantor dos bosques
No cantar a primazia,
E soltando a voz do peito
Mil requebros repetia.
Depois que atroou os ares
Alumno digno de Orphêo,
Parou, e logo o logar
Ao seu contrario cedeu.
Começa o cuco a cantar
Seu «cucu» que mais não diz,
Esp'rando por fim a palma
Alcançar do seu juiz.
Feita a prova, o burro então
Esta sentença profere:
«É melhor cantar o cuco,
A philomela prefere:»
Da fabula o documento
Mostra bem que as decisões
Quasi sempre assim são dadas
Por juristas asneirões.

ADIVINHAÇÕES

1

Bem que pareço a verdade,
Tórno a verdade illusão:
Quereria o mesmo Apelles
Ter a minha perfeição.

2

De meu nome no comêço
Inculco ser principal;
No resto em sombra esmoreço,
E com meu nome total
Ainda a sombra apeteço.

3

Que é de mim tudo coberto
Em parte de mim se entende;
N'outra parte a vida expérto,
E se inteiro alguem me offende,
Morre meu dono de certo.

4

Haver em mim luzimento
Depende de qualquer mão;
Engulo, e não me alimento,
Porque extranhos, que sustento,
Comem tudo o que me dão.

5

Sendo insensivel, de um bruto
Uso andar acompanhada;
E sendo sensivel, fui,
Ou sou co'um homem ligada.

6

Quem me observa, e quem m'escuta
Diversas cousas me crê:
Sou imperfeita a quem me ouve,
Sou perfeita á quem me vê.

7

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam-se muitos,
Muitos em mim principiam.

EPIGRAMMAS

1

Pediu pelo amor de Deus
Dez reis um mendigo a um nobre:
Respondeu-lhe o cavalheiro:
« Que nunca trazia cobre.»
Eis por «excellencia» o triste
Supplica nova começa;
Enternece-se o fidalgo,
Põe-lhe nas mãos uma peça.

2

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

3

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E a taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabal-o, que vós
Conheceis o original.
«Foi ditosa a pincelada;
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora!..»
Pergunta o poeta: — «A quem?»

4

Um chapado, um retumbante
Coriphêo de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.
Eis para cural-a o chamam,
Pela alta fama que tem:
Geme o doctor, e responde:
«Não vou, que lhe quero bem.»

5

Levando um velho avarento
Uma pedrada n'um olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doctor, não das duzias,
Mas sim medico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.
«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

6

Lavrou chibante receita
Um doctor com todo o esmero;
Era para certa moça,
Que ficou sã como um pero.
«Tão cedo! É milagre!» (assenta
A mãe, que de gosto chóra)
— «Minha mãe, não é milagre,
Deitei o remedio fora.»

7

Um homem, que toda a vida
Passou fomes por querer,
Co'a muita debilidade
Poz-se em termos de morrer.

Doctor, que de graça o via,
E co'a doença atinava,
Off'receu-lhe uns certos doces,
Para ver se o melhorava.
«Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
Dê cá... Bom será guardal-os
Para maior precisão.»

8

Estando enfermo um poeta
Foi visital-o um doctor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.
«Regule-se, coma pouco»
Diz-lhe o medico eminente:
«Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente.»

9

(Dialogo)

ALCÊO

Perdôa, tu tens, Elmano,
Um defeito entre diversos,
Que cheira muito a doudice.

ELMANO

Sim? Qual é?

ALCÊO

Fazeres versos.

ELMANO

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCÊO

Eu! Qual é?

ELMANO

Não os fazeres.

10

Com tão má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para ali!
Procurador, não me enganas;
Tu procuras para ti.

11

(Traduzido de Dufresny)

De ciumes Amphriso envenenado
Á bella Nize um dia
«Entrega-me (dizia)
A fita, que te hei dado,
Entrega-me o meu cão, e o meu cajado.»
Ella, para applacar-lhe os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: «Sobre estas flôres
Mais terno que sisudo
Sem respeitar-me a candidez, e o pejo,
Tambem me déste um beijo:
Não quero nada teu, recebe tudo.»

12

Dizes que Fileno é tosco,
Molle, feio, e sem-sabor;
Não levas á paciencia
Terem-lhe as moças amor:
Nenhum merito lhe encontras
Porque o devam attender;
Que mais merito lhe queres?
Agradar é merecer.

13

Certo enfermo, homem sisudo,
Deixou por condescendencia
Chamar um doctor, que tinha
Entre os mais a preferencia.
Manda-lhe o fofo Esculapio
Que bote a lingua de fóra,
E envia dez garatujas
Á botica sem demora.
«Com isto (diz ao doente)
A sepultura lhe tapo.»
Replica o pobre a tremer:
— «Aposto que não escapo.»

14

Conheces um certo Albano,
Homem de raro primor?
(Perguntou Fileno um dia
Á Silvio, gran jogador):
«Oh! (responde-lhe o gatuno
Que aos mais tafues pede meças)
Eu sou seu intimo amigo:
Hontem lhe ganhei cem peças.»

*

15

(Traduzido de Mad. Bernard)

Quando o velho Damon me diz que emprega
Amor tiro mortal no peito humano,
Sem que elle ouse clamar contra o tyranno;
Quando me diz que Amor engana, e céga;
Que ás lagrimas, que aos ais é insensivel,
Então não me parece Amor terrivel:
Mas quando o moço Alphêo me diz, sorrindo,
Que Amor é meigo deus, menino amavel,
Mais que as flôres mimoso, alegre, e lindo,
Quanto então me parece formidavel!

16

«*In fide parochi* attesto
(Escrevia inchado cura)
Que soffreu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.
«Tal clareza não se achou
Dos obitos no registo;
Mas attesto-o por ter visto
A receita, que tomou.»

17

Um Philosopho enfermou;
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreu a medicina
Por agradar a um amigo.
Consentiu que receitasse
Hypocratico impostor,
E logo para um criado
Disse, brando, e sem tremor:
«Não deixes lá na botica
Esse amargo fructo do erro;
Inda tem mais serventia:
Supre os escriptos de enterro.»

18

Arrimado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jocundo:
«Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo!»

19

Quiz inda fresca viuva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrabio dos enterros
Pôr o enterro do marido.
«Leve este papel ao Cura,»
(Lhe aconselha um maganão)
Era excellente receita
Das que importam n'um milhão.
«Padre, (diz ella, entregando
O papel, que se lhe deu)
O meu homem tomou isto...»
Torna o Cura: «Então morreu!»

20

Dos obitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.
De suprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa;
«Ai! (diz o amigo) isso é facil:
Compre uma pharmacopéa.»

21

(Traduzido de Mad. Scudery)

A corrente, que beija aquella areia,
Esta rosa, que ao Zephyro abre o seio,
A viração, que as arvores meneia,
Nos dizem que é o amor doce recreio.
A pura chamma egual d'um par constante
Em dobro o faz feliz, o faz contente:
Tem um'alma, não mais, o indiff'rente,
Duas almas encerra um peito amante.

22

(Dialogo)

CORYDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo d'isso.

CORYDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque pódes ler-me os teus.

23

(Traduzido de Bois-Robert)

Que! De tão tenra edade nos verdores
Ninguem te póde ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! Fosses mais crescida, ou menos bella:
Para causares as feridas nossas
Espera o tempo, em que saral-as possas.

24

Bojudo pharmacopóla,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel, dos que a gente
Pregam em vasa-barris.
O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algoz dos palladares
A molestia quiz saber.
Soube-a, pouco mais, ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
«O medico hallucinou-se!
Com isto sara ó doente!»

25

Para curar febres podres
Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai.
«Não se assuste (diz Galeno)
Que inda d'esta se não vai.»
— «Ah senhor! (Torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita.»

26

Tinha uma dôr muito aguda
Um homem. Veio um doctor,
E disse: «Com tres regrinhas
O livro já d'essa dôr.»
Corre a lançar mão da penna,
Eis diz o enfermo a tremer;
— «Ai! Nada, senhor doctor:
Antes penar, que morrer.»

27

«Ante mim não vales nada;
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»
— «Ui! (a mãe dos aphorismos)
Responde á Parca amarella)
Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella.»

28

Certo Averróes quiz no prélo
Ver seus aphorismos juntos:
Poz-lhe o editor singelo: —
«Arte de fazer defuntos.»

29

A morte era uma idiota
Antes de aphorismos ter;
Mas depois que ha medicina
Já sabe lêr, e escrever.

30

Disse um Avicena ao ver
Certo doente: «É confusa
Esta molestia; por tanto
A maligna se reduza.»
Eis a mão faccinorosa
Lavra potente receita,
Que anonyma enfermidade
Torna em maligna perfeita.
Co'a prompta metamorphose
O infesto doctor se alegra,
E diz sorrindo-se: «Agora
Se matar, mato com regra!»

31

Disse um dia o Fado á Morte
Que chuchasse um tal doctor,
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.
«Não ouso (responde a Parca)
A teu mando obedecer:
Se com medicos se mette,
Té póde a Morte morrer.»

32

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
«Em Cujacios, em Menóchios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinicclas, e extranhos
Tem carradas de razão.
«Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais.»
«Ah senhor! (o homem replica)
Tel-a-hei nos tribunaes?»

33

Um medico receitou;
Subito o récipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
«Adeus até ámanhã...»
(Diz o fôfo professor)
Responde o doente: — «Adeus
Para sempre, meu doctor!»

34

(Traduzido de Perrault)

Amor é um menino
Tão velho como o mundo,
Dos deuses o maior, e o mais pequeno:
De seu fogo divino
Occupa o céo sereno,
O largo mar profundo,
A populosa terra,
E nos olhos comtudo Iris o encerra.

35

(Dialogo)

A.

Que vem do chefe dos Matas
Sustenta o doctor Maleitas,
E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

36

Uma d'estas, que adoecem
Porque um mosquito as mordeu,
Disse para um seu criado:
« Chamem-me o doctor Sandêo.»
Eis o Hypócrates, que abonam
Honrosos cabellos brancos,
E eis subitamente a dama
Aos soluços, e aos arrancos.
D'onde lhe veio este excesso
Na hypocratica presença?
De estar doente deveras:
E era o medico a doença.

37

Um velho cahiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho, suspirando:
« Repara que sou teu pae! »

38

Sempre é teima de viver
A que tem Celio caduco!
Não sei que molestia possa
Chuchar-lhe da vida o succo.
Tinha uma chaga no bofe:
O bofe sem chaga está;
Um aneurisma no peito:
Vestigios d'elle não ha.
De lhe cerrarem tres fontes
Nenhum damno resultou:
Isto ainda não é nada;
Té d'uma junta escapou!

39

Chiron foi medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavallo o descrevem
Da cintura para baixo.
Doutor, em nada o simelhas;
Elle foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos, e costado:
Tu só na cabeça o és.

40

«Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alphêo consternado)
Dos medicos mais insignes
Está já desamparado.»
— «Oh! (sáe d'alli um sujeito,
De circumspecta presença)
«Feliz, se o desamparassem
No principio da doença!»

41

Gratis pespéga o verdugo
No pescoço ou laço, ou córte;
O espadachim mata gratis;
O medico vende a morte.

42

Um homem rico, outro pobre
Grave molestia prostrou.
Qual d'elles morreu? O rico,
Que mais remedios tomou.

43

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:
«Para punir este indigno,
Este vil, tomára um raio.»
Acode o outro: — «Ha um meio
Muito mais facil: curae-o!»

44

A Morte um dia enjoou-se
D'um nome, que se abomina;
Quiz o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

45

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dous maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

46

Um medico, antiga peste
Do triste genero humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.
Fez uma receita idonea,
Apezar do formulario;
Mas o que ao medico escapa
Lá vae ter ao boticario.

47

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abysmos:
«Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aphorismos!»

48

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita!»

49

Compôz para leve andaço
Um doctor, doctor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dóse mortal.
Indo depois á botica,
D'esta sorte o dono o investe:
«Receite a todos o mesmo,
Meu doctor, e temos peste!»

50

Um escrivão fez um roubo;
Diz-lhe o juiz: «Que razão
Teve para fazer isto?»
Responde: — «Ser escrivão.»

51

Trouxe-se a pobre doente
Um récipe singular.
Morreu do récipe? Não:
Só da tenção de o tomar.
*

52

A um enfronhado em poeta

Longe estás de ser pateta,
Flavio, tens varias noções,
Entendes bem a Selecta,
Lês, estudas, e compões;
Por um tris não és poeta!

53

(Traduzido)

Mordeu uma serpe Aurelia:
Que pensaes que resultou?
Que Aurelia morreu? Historia:
A serpente é que estourou.

54

Epitaphio

Aqui jaz um escrivão,
Que já na provecta edade
Tomou o habito de frade;
Só merecia o cordão.
Deus tenha d'elle piedade!

55

Podre victima de Venus,
Metaphora da existencia,
Fiou-se de um boticario,
Homem de sã consciencia.
Tinha o pustuloso enfermo
Uma gambia retorcida,
Que para a parte de fóra
Como que enxotava a vida.
Tenaz emplastro lhe estende
A pharmacopola mão,
Com que dê nome á botica,
Dando cabo do aleijão.
«Deixe estar (diz o mestraço)
Que isto logo, logo abranda.»
Que succedeu! Pôr-lhe a perna
Torta para a outra banda!

56

Epitaphio

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

57

(Traduzido de Marcial.)

Se me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dous se foram,
Foram-se dous n'outra tosse.
Segura noutes, e dias
Pódes tossir a fartar;
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

58

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina:
« Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina. »

59

Empobreceu todo o bairro
Fabio com penna, e cordão;
Foi quatro mezes letrado,
Quinze dias escrivão.

60

Um doctor, accommettido
Das chufas de um boticario,
(Que não sei porque motivo
Se lhe quiz mostrar contrario)
Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agua.»

61

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nenias recita;
Ao riso ninguem resiste;
E o vate funereo grita:
«Não riam, que é cousa triste!»

62

(Dialogo)

A.

Laura divertiu-se muito
N'uma funcção menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

63

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberrão.
Tractava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria
Para os justos guarda um Deus!
Falsos, momentaneos gostos
Ha n'este mundo mesquinho:
Mas no céo ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: — «E vinho?»

64

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incuravel chaga,
Que até ossos lhe roía.

Exclama um taful ao vel o:
«Que pena de talião!
Quem com a mão roeu tanto
Ficou roido na mão.»

65

(Traduzido)

Venus ao parto visinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fructo
Seu ventre havia brotar.
Uma responde—Que um seixo;
Outra—Que um tigre traidor;
Terceira—Que fogo;—E tudo
Confirmou nascendo Amor.

66

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba e dura,
Cabo dos medicos dá:
Porque é isto? É porque lá
Pagam sómente a quem cura.

67

A um enfatuado em nobreza

Conferes nas senhorias,
Fofo Alcêo, mais fofos bens;
E fazes n'isso um milagre,
Porque dás o que não tens.

68

Á estanqueira do Loreto, celebre pelo seu grandissimo nariz

Examina-se um planeta
Com telescopio de cá:
Ver-se-ia a cara da Helena
Sem telescopio de lá.

69

«Salve-se! (diz o Diabo)
Nas masmorras infernaes
Se eu hospedasse essa cara,
Onde accommodar as mais?»

70

Salvo-te (diz Deus ao Demo)
Das masmorras infernaes,
Se metteres esta cara
Onde accommodas as mais.

71

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa!...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

72

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa!...
Que revolução é esta?
Anda pela terra a lua?

73

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

74

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprara;
Se fosse cara de assucar,
Um milhão, não era cara!

75

Disse-lhe um sério taful
Que tabaco lhe comprara:
«A sua loja é pequena;
Porque não vende na cara?»

76

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papeis com massas:
«Quero pôr a sua cara
N'esta loja de caraças!»

77

São nadegas, ou bochechas?
Arrenego do diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r...

78

Domingo dous do corrente
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavallinhos
Sobre a testa da estanqueira.

79

Dizem os da Encarnação;
«Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra, e o cemiterio,
Tudo dentro da caveira.»

80

Deu a estanqueira um espirro
Gritam os visinhos seus,
Julgando ser terremoto:
«Misericordia, meu Deus!»

81

Quer vinhos? Não tem que errar,
Trépe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dous armazens de vinhos.

82

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclypse total!

83

Ouviu do rei dos reis a voz sagrada
Da lusa monarchia o rei primeiro;
E aos duros golpes da tremenda espada
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro;
Alta promessa pelo numen dada
Manterá Portugal feliz, e inteiro;
Voae á guerra, á gloria, illustre gente!
Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

84

Oh Morte! Para que venças,
E sorvas em teus abysmos
Doctor de grandes sentenças,
São necessarias doenças
Peiores que os aphorismos.

85

«A este sepulchro vim,
Eu, das existencias córte,
(Dizia um letreiro assim)
Fui medico, e foi meu fim
Estratagema da Morte.»

86

(Imitado de Marcial).

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez,
Mal haja o pae que te fez,
Devêra ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado,
Mal que a rapas cresce logo.

87

Cançado de dissabores
Morre-se aqui sem tristeza;
Dormir coberto de flôres
No seio da natureza,
Doura, oh Morte, os teus pavores!

88

Um medico, que se ria
Do pouco, que Adão durou,
Por engano em certo dia
Um seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria!

89

(Dialogo)

P.

O que é mais leve do que o ar?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher?

R.

Nada.

90

Se alguma palavra digo,
E o halito á bocca pucho,
Sobem-me as tripas e o bucho
A escutar se mastigo.

91

Disse, em ar de novidade,
Lelio, que a rugosa Elvira
Soffrêra longa molestia,
De que a bem custo surgira.
«Creio: o seu medico é bom.»
(Proferiu grave pessoa)
Acode um taful: «E eu sento
Que a molestia é que foi boa.»

92

No mundo ha gloria suprema!
(Roncava Euclidico auctor.)
—«Qual é? (diz taful da gemma)
«Qual é! (torna o cismador)
É resolver um problema.»

93

Um geómetra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sabio o que o matou?
Não dar c'o valor d'um xiz.

94

(Traduzido de Alciato)

Os teus melhores principios
Convertes em vituperio;
E profanas, e envileces
O teu proprio ministerio.
Tu, Elmiro, és como as cabras,
Que, no tarro escouceando,
Perdem as proprias riquezas,
Seu mesmo leite entornando.

95

Da feia mulher Andronio
Com zelos arde, e rebenta;
N'isto o não julgo bolonio:
A mulher é um demonio,
Porém o demonio tenta.

96

Do Meirel fórmas querella,
Porque os dentes te dispensa;
Não t'os tirou por doença,
Tirou-t'os só por cautéla
Bem atalha quem bem pensa.

*

97

(Dialogo)

A.

Vae curar o doutor Campa
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a á hora da morte.

98

A um mau medico

Doutor, até do hospital
Te sacode enfermo bando:
Qual será d'isto a causal?
É porque em tu receitando
Qualquer doença é mortal.

99

Se o Padre-santo tivera
Um pé tão largo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

100

Definição do Ouro

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doctos e a rudes,
Gero vicios e virtudes,
Torço as leis, domino a terra.

101

(Imitado de D'Anchet)

Um tempo breve, urgente
As rosas tem sómente
Para ostentarem bellas
O seu aroma e côr:
Para agradar como ellas
Tem um só tempo Amor.

102

(Traduzido de Rabutin)

Rosas, oh como um coração, que adora,
Vos conhece o valor, vos crê felizes!
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lizes.

103

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno, ou um punhal.
«Não ha (lhe disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem.»

104

De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este merito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

105

«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe:—«Recorre
Ao teu medico assistente.»

106

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
C'o peccado original
Teve copula carnal,
E pariu a Medicina.

107

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: «Não estou
Para tornar mais ao mundo!»
Disse um medico:—«Eu lá vou.»

108

Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

109

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar:
«Récipe...» (diz)—De repente
Grita da cama o doente:
—«Basta, que mais é matar!»

Madrigaes

1

(Traduzido)

Eu tinha promettido á minha amada
Constancia até morrer; e esta promessa
Foi na folha de um alamo gravada,
Mas quebrou-se depressa:
Ergueu-se um pé de vento,
Adeus folha, é com ella o juramento!

2

Zephyros, que brincaes co'as tranças bellas
Da minha doce Analia,
Voae ás flores da viçosa Idalia,
Bem que na graça e côr são menos que ellas.
Não é por vós, Favonios, que a frescura
Trazeis ao niveo seio,
E á face melindrosa em que deliro:
É só porque receio
Que de astuto rival, de audaz ternura
Comvosco se disfarce algum suspiro.

Epitaphios

1

Se estiver nos meus fados a proxima extincção de meus dias

D'Elmano eis sobre o marmore sagrado
A lyra, em que chorava, ou ria Amores;
Ser d'elles, ser das Musas foi seu fado:
Honrem-lhe a lyra vates, e amadores.

2

Este, com quem se ufana a pedra erguida,
Ah!... se encantou com sonorosas côres...
Já Bocage não é!... não sois, Amores!...
Chorae-lhe a morte, — e celebrae-lhe a vida.

Na morte de uma sobrinha, fallecida em 21 de Março de 1805

(Improviso)

Trocando amargas horas
Por doce eternidade,
Gemeu co'a Natureza,
Folga co'a Divindade.
O que é nos céos contemplo,
Contemplo o que era aqui:
Gemi, porque gemia,
Rio, porque ella ri.

INDICE